



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**LILIAN QUELLE SANTOS DE QUEIROZ**

**CORPO LUGAR DA MEMÓRIA:  
A CULTURA CORPORAL NA IRMANDADE DA BOA MORTE EM  
CACHOEIRA-BA E O CONTEXTO EDUCATIVO LOCAL**

Salvador  
2010

**LILIAN QUELLE SANTOS DE QUEIROZ**

**CORPO LUGAR DA MEMÓRIA:  
A CULTURA CORPORAL NA IRMANDADE DA BOA MORTE EM  
CACHOEIRA-BA E O CONTEXTO EDUCATIVO LOCAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Educação Cultura Corporal e Lazer, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cecília de Paula Silva

Salvador

2010

## TERMO DE APROVAÇÃO

LILIAN QUELLE SANTOS DE QUEIROZ

CORPO LUGAR DA MEMÓRIA:

A CULTURA CORPORAL NA IRMANDADE DA BOA MORTE EM CACHOEIRA-BA E  
O CONTEXTO EDUCATIVO LOCAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha de  
Pesquisa, Educação, Cultura Corporal e Lazer da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito para obtenção do título de  
Mestre em Educação.

Professora Dra. Amélia de Souza Conrado \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal da Bahia

Professor Dr. Antonio Moraes \_\_\_\_\_  
Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho  
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Dr. Kabengelê Munanga \_\_\_\_\_  
Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo  
Universidade de São Paulo

Professora Dra Maria Cecília de Paula Silva (orientadora) \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho  
Universidade Federal da Bahia

Professor Dr. Miguel Angel Garcia Bordas \_\_\_\_\_  
Doutor em Educação pela Universidade Complutense de Madrid  
Universidade Federal da Bahia

Salvador, 20 de fevereiro de 2010

## DEDICATÓRIA

Aos meus amados pais, que tanto me orgulham.

Meus avós paternos e maternos (In memoriam) que, tenho certeza, estariam (e estão) deveras felizes por mim.

Aos meus dedicados amigos.

Aos meus estimados professores.

Aos alunos, sem os quais a luta por uma educação melhor não faria sentido.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo inigualável dom da vida e pelas possibilidades de realizações que generosamente tem me concedido todos os dias. Obrigada Senhor!

A meus pais, a Dona Ligia e o Seu Airton, pela compreensão nas ausências, nas noites dedicadas ao labor, pelo apoio incondicional sem o qual não seria possível realizar este trabalho e por me ensinar que o conhecimento é o único bem que realmente vale à pena acumular.

À minha maravilhosa família, tios e tias, primos e primas, avós, que incentivaram e apoiaram a sobrinha, prima, neta e amiga com todo carinho e amor.

Aos (as) amigos (as) pela presença constante em meu caminho mesmo, sem tanta correspondência de minha parte muitas vezes, vocês estavam sempre lá, obrigada!

Ao especial e estimado amigo Vlad, que acompanha esse trabalho desde ele ainda era um desejo, um embrião, desde o primeiro momento de sonho e de luta bem como suas generosas contribuições.

Ao querido Lance Arney, que mesmo com toda a distância física tornou-se verdadeiramente presente em vários momentos dessa caminhada.

Agradeço aos professores Katiane Macêdo, Sicília Calado, Ricardo Guimarães e Disalda Leite, que muitas vezes até mesmo sem perceber, incentivaram e acrescentaram nesse processo, contribuindo significativamente para sua realização.

À professora Joseânia Freitas pelas contribuições legadas para concretização deste trabalho e ao professor Armando Castro pela disposição em compartilhar suas experiências que potencializaram essa pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer a Deus por ter encontrado também nesse longo caminho a professora Maria Cecília de Paula, que desde a Iniciação Científica vislumbrou em mim possibilidades que talvez, naquele momento, nem eu mesma enxergasse. Obrigada pela paciência nos diálogos durante a orientação e a escrita e sem a qual esse trabalho não seria possível da forma que é.

Às Irmãs integrantes da Irmandade da Boa Morte pela simpatia e por manterem vivas, através de seus corpos, parte significativa da história de nossos ancestrais.

A Adenor Gondim, fotógrafo da Irmandade, e a Valmir Pereira dos Santos administrador no Memorial da Irmandade, pelas declarações.

A Edvaldo Carneiro e Cacau Nascimento, historiadores filhos da terra heróica da Cachoeira, pela paciência, incentivo e receptividade.

Aos professores, diretores, alunos e coordenadores entrevistados na cidade da Cachoeira bem como a própria cidade que me fez sentir como se minha também fosse.

A CAPES, instituição de fomento que financiou a pesquisa desde o início com a bolsa de estudos, o que tornou o trabalho viável, aos colegas, funcionários e aos professores da FACED (Faculdade e Educação da UFBA) pelos contributos ofertados dentro e fora das salas de aula.

Agradeço enfim a todas as pessoas que direta e/ou indiretamente puderam partilhar deste caminho comigo e que torceram para que este momento chegasse. E enfim, ele Chegou!

A todos vocês, muito Obrigada!

## RESUMO

Esta pesquisa buscou investigar a cultura corporal entendendo-a como elemento de afirmação no processo de construção da identidade e da cultura afro-brasileira, tratando especificamente da Irmandade da Boa Morte em Cachoeira, Bahia, articulando as relações entre Irmandade e os elementos corporais que a constituem. Consiste em uma pesquisa histórica de caráter qualitativo que utiliza instrumentos da história oral e imagética, realizada na cidade da Cachoeira em dois momentos: O primeiro dedicado a observação das festividades da Boa Morte e entrevistas com participantes e moradores da cidade. O segundo dedicado às entrevistas semi-estruturadas dentro das escolas, com alunos, professores, diretores e coordenadores. Dos resultados, destacamos a importância de se considerar a história e as práticas corporais na reconstrução da cultura do povo brasileiro como elemento da prática pedagógica por considerarmos a escola um espaço de pesquisa por entendê-la como um dos principais elementos para a compreensão e formação identitária, e que, portanto se faz necessário estudar como se processa a dinâmica de ensino e apreensão de expressões da cultura local, uma vez que a educação tende assumir a estrutura da cultura ao qual pertence e a cultura, portanto se “prolifera” através do processo educativo. No sentido de ampliar a discussão no campo da cultura corporal como uma forma de potencializar a expressão, apreensão e percepção dos indivíduos com o mundo e o desenvolvimento das relações com elementos que os circundam, se faz necessária a compreensão das matrizes constituintes do acervo cultural da humanidade no qual nos encontramos inseridos. Nesse contexto, existem fatores que relacionam cultura corporal às manifestações da cultura afro-brasileira, entendidas por muito tempo como desprovidas de valor acadêmico e a margem do contexto escolar formal.

**Palavras-chave:** Educação, Cultura Corporal, Cultura afro-brasileira.

## ABSTRACT

This research investigates particular ways in which culture becomes body element of affirmation in the construction of identity in the African-Brazilian culture, specifically in the Sisterhood of the Good Death in Cachoeira, Bahia, articulating the relationship between Brotherhood and bodily elements that constituent. It consists of a historical research using qualitative tools of oral history and imagery, held in the town of Cachoeira in two phases: the first devoted to observing the festival of Boa Morte and interviews with participants and residents of the city. We understand how important this relationship between the Brotherhood and the relationship of the body - as a factor that is - to detect expressions and cultural-historical meanings, contributing to the consideration of the african-Brazilian identity. The results emphasize the importance of considering the history and bodily practices in the reconstruction of Brazilian popular culture as part of teaching practice by considering schools as a place for research to understand it as a main factor in understanding and identity formation, and therefore it is necessary to explore how the dynamic processes of teaching and understanding of expressions of local culture, since education tends to assume the structure of the culture to which it belongs and culture, so if "proliferation" through the educational process . In order to broaden the discussion in the field of body culture as a way to enhance the expression, understanding and perception of individuals with the world and developing links with elements that surround them, is necessary to understand the matrix constituents of the cultural heritage of humanity in which we have entered. In this context, there are factors that relate to body culture manifestations of African-Brazilian culture, long perceived as lacking in academic value and margin of the formal school context.

**Keywords:** Education, Culture Body, African-Brazilian Culture.



## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1- Relatório apresentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, IPHAN (2005), que mostra como se estabelece a separação entre as práticas culturais realizadas em Cachoeira e proximidades, por categorias e localidades.
- Quadro 2 - Localidades onde estão distribuídas as Escolas Estaduais de Cachoeira, segundo a Diretoria Regional de Educação (DIREC 32 – Cruz das Almas).
- Quadro 3 - Distribuição dos Entrevistados nas Escolas de Cachoeira. As escolas na ordem em que aconteceram as pesquisas bem como o quantitativo correspondente a cada unidade escolar.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cidade de Cachoeira vista de São Felix. Estas cidades são separadas pela ponte D. Pedro II, sobre o Rio Paraguaçu, inaugurada no ano de 1885.

Foto: Lílian Queiroz - 2008.

Figura 2 - As irmãs velando o Corpo de Maria em sua própria capela.

Foto: Lílian Queiroz - 2008.

Figura 3 - As irmãs em procissão pelas ruas da Cachoeira velando Maria

Foto: Lílian Queiroz – 2008

Figura 4 - As irmãs celebrando em passeata à Assunção da Virgem Maria.

Foto: Lilian Queiroz - 2008

Figura 5 - Fachada da Escola Edivaldo Brandão Correa.

Foto: Lilian Queiroz - 2009

Figura 6 - Fachada da Escola Dr. Augusto Públío.

Foto: Lilian Queiroz - 2009

Figura 7 - Fachada do Colégio Estadual da Cachoeira

Foto: Lilian Queiroz - 2009.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2 CORPO, CULTURA, LUGAR, MEMÓRIA E IDENTIDADE: TECENDO CONCEPÇÕES</b>	17
2.1 O CORPO E A MATERIALIDADE DA EXPERIÊNCIA CULTURAL	19
2.2 CULTURA, CORPO E EDUCAÇÃO COMO DISSOCIAR?	22
2.3 LUGAR, ESPAÇO E TERRITÓRIO	29
2.4 IDENTIDADE E MEMÓRIA: CAMINHOS COMUNS	34
<b>3. CACHOEIRA CIDADE MEMÓRIA: O LÓCUS DA PESQUISA</b>	39
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA CIDADE	39
3.2 O QUE DIZER DO RIO: AS CHEIAS DO PARAGUAÇU	43
3.3 FESTAS RELIGIOSAS E CÍVICAS: AS PRÁTICAS CULTURAIS DA CIDADE	46
<b>4 IRMÃS DE CORPO: IDENTIDADE E CULTURA NO RECÔNCAVO BAIANO</b>	52
4.1 SOBRE AS IRMANDADES: FORMAÇÃO E LEGADO	52
4.2 A MULHER NEGRA E A HIERARQUIA NA IRMANDADE	56
4.3 O CICLO DAS FESTIVIDADES DA IRMANDADE DA BOA MORTE	60
4.4 VOZES QUE SENTEM: O QUE AS IRMÃS FALAM SOBRE A SUA FÉ	66
<b>5 A EDUCAÇÃO EM CACHOEIRA: A IRMANDADE DA BOA MORTE COMO CONHECIMENTO TRATADO NO ESPAÇO EDUCATIVO</b>	71
5.1 FORMAÇÃO DO SABER ESCOLAR EM CACHOEIRA: CONTEXTUALIZAÇÃO	72
5.2 SOBRE AS ESCOLAS PESQUISADAS	74

5.2.1 Colégio Estadual Edivaldo Brandão Correia	76
5.2.2 Escola Dr. Augusto Públio	77
5.2.3 Colégio Estadual da Cachoeira	78
5.3 A IRMANDADE DA BOA MORTE DENTRO DA ESCOLA: COMO SE ABORDA E O QUE SE SABE	78
<b>6. CULTURA CORPORAL E IDENTIDADE: UM CAMINHO A DESVELAR</b>	84
6.1. SOBRE O SABER “À SABER” DA CULTURA CORPORAL: POSSIBILIDADES DE PERCURSO	84
6.2. RELAÇÃO CORPO E LUGAR: A DIMENSÃO CULTURAL E EDUCATIVA DO CORPO	88
6.3. A CULTURA CORPORAL NA IRMANDADE DA BOA MORTE	92
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	96
<b>REFERÊNCIAS</b>	101
<b>ANEXOS</b>	105

## 1 INTRODUÇÃO

Fazer escolhas, construir caminhos, delimitar territórios ou tecer relações, são ações que constroem trajetórias únicas, seja qual for o campo de atuação do pesquisador: quer seja na academia, dentro das escolas ou no cotidiano. Debruçar sobre a produção de conhecimento no âmbito da cultura corporal, e pensar esse conhecimento como potencializador da aprendizagem dentro do saber escolar é um desafio ainda maior. O papel deste estudo, como fonte provocadora, é apontar e auxiliar na compreensão de que é possível entender a multidimensão do homem enquanto seres culturais, sociais, biológicos, intelectuais, por meio da Cultura Corporal.

O conhecimento a respeito da produção acadêmica da cultura corporal relacionada ao saber escolar tem se mostrado ainda incipiente e é cada vez mais necessária a compreensão do homem enquanto ser cultural no sentido de ampliar os horizontes desse entendimento, sobretudo na área da educação. A cultura é uma palavra impregnada de história e de sentido e significado e é válido pensar que não se deve dispensar a produção de saber científico nesse campo teórico, como forma de interpretação da realidade buscando colaborar para a transmissão e entendimento de um legado através de gerações. No entanto, o que se tem percebido é que a diversidade da herança cultural no Brasil tem sido afastada do âmbito educacional brasileiro, especialmente a cultura afro-brasileira.

Com a Lei 10.639/03 que “institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio”, obtivemos um avanço, e, com isso, uma série de problemáticas. Como ponto positivo dessa decisão, temos o fato de podermos “resgatar, historicamente, a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira” – **Diretrizes Curriculares Nacionais**, p.8, 2004 (grifo nosso). Uma Lei recente, que, mesmo sem ter a sua efetivação consolidada, já sofreu complementações (a saber, a Lei 11.645, de 10.03.2008 – que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”), o que evidência o quão grande são os déficits culturais legados à sociedade (afro) brasileira e indígena, especificamente, no que diz respeito às suas matrizes constituintes.

A escola teve um ganho significativo com a promulgação da Lei 10.639/03 no sentido de oportunizar a formação dos professores, acerca desses “novos” conteúdos a serem trabalhados, possibilitando assim que o tema chegue ao conhecimento dos alunos. No entanto, esse espaço formativo como afirmáramos professores entrevistados, ainda é pequeno frente à necessidade de apreensão desse conhecimento.

Aponto a escola como espaço de pesquisa por entender o ambiente escolar enquanto espaço formador de opiniões e mecanismo difusor da cultura constituída num dado lugar. Nesse sentido, compreender a formação identitária, a partir da escola, é um meio de evitar a propagação da discriminação e dos valores depreciativos que vem sendo historicamente atrelados à cultura afro-brasileira.

É relevante destacar que, sobre as matrizes constituintes da cultura brasileira recai um débito histórico de reconhecimento, discriminação e intolerância que atinge a população afro-descendente até os dias de hoje. Para atenuar esses efeitos, criados, reproduzidos e mantidos por anos, medidas têm sido elaboradas com a intenção de esclarecer a posição do afro-descendente no contexto educacional brasileiro, ainda que por meio de uma “redenção mais que tardia”, como no caso das ações afirmativas, políticas de cotas e a Lei 10.639/03.

Esta pesquisa buscou identificar como a cultura corporal de uma manifestação cultural de matrizes afrodescendente específica, a Irmandade da Boa Morte em Cachoeira na Bahia, tem sido percebida pelos estudantes da comunidade local, bem como quais os fatores que influenciam nessa apreensão e como a cultura afro-brasileira tem sido abordada dentro das escolas da Cachoeira, entendendo mais uma vez a escola como espaço de discussão e entendimento cultural.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, dentro das ciências sociais, de caráter exploratório que utilizou como fonte de dados a cidade da Cachoeira, seu contexto educativo e manifestação cultural a Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte. A oralidade, através de entrevistas e depoimentos coletados na cidade, o diário de campo consistiram na base de coleta de dados dessa pesquisa. A pesquisa histórica e documental constituiu outro elemento importante no tecer dessa rede de relações culturais. Quanto ao método de pesquisa, buscou-se uma abordagem dialética que consiste numa concepção filosófica onde compreende a realidade é vista como um processo histórico e os fenômenos sociais originados a partir das relações entre os seres humanos como ações potencializadoras da

construção de subjetividade, ou seja, percebe os sujeitos enquanto criadores e transformadores de suas próprias ações. Destaco aqui a fala do educador e sociólogo Oscar Holliday quando em seus estudos discorre sobre o tema:

“A Concepção Metodológica Dialética entende a realidade histórico-social como uma totalidade<sup>1</sup>: um modo integrado, em que as partes (o econômico, social, político, cultural; o individual, o local, nacional, internacional: o objetivo, o subjetivo, etc.) não podem ser entendidos isoladamente, senão em sua relação em conjunto. É uma totalidade que não é vista como soma aritmética das partes e sim como a articulação interna de todas as suas múltiplas relações.” (HOLLIDAY, 1996, p.55)

A investigação, nesses termos, tende a ocupar-se dos aspectos intrínsecos, seus movimentos e as relações deste com o todo. Sendo assim, essa concepção metodológica compreende uma dinâmica constante nas relações sociais, principal característica da visão dialética, além da interação efetiva do sujeito com o meio no qual está inserido.

A realização da coleta de dados consistiu em dois momentos: O primeiro dedicado a observação das festividades da Boa Morte e entrevistas com participantes e moradores da cidade que observavam e/ou participavam das comemorações. O segundo dedicado as entrevistas semi-estruturadas dentro das escolas, com alunos, professores, diretores e coordenadores a cerca da cultura local, sobretudo a Irmandade da Boa Morte, e a relação desta com o contexto escolar.

Tendo em vista os pressupostos, anteriormente, relatados, apresentamos o trabalho intitulado **Corpo lugar da Memória: A Cultura Corporal na Irmandade da Boa Morte em Cachoeira-Ba e o contexto educativo local**. Por entender que o corpo é o lugar de experiências de atividades humanas e dispositivo de manutenção de cultura - trata-se aqui da cultura afro-brasileira -, portanto, lugar da memória e da oralidade, elementos recorrentes na assimilação dessa cultura; por vislumbrar, na Irmandade da Boa Morte, ritos do corpo que possibilitam leituras de apreensão de cultura e o contexto das Escolas Estaduais da Cachoeira como lugar de

---

<sup>1</sup> Totalidade significa: realidade como um todo estruturado e dialético, no qual pode ser compreendido nacionalmente qualquer fato (...) o princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da realidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como elemento do todo (...). Karel Kosic: Dialética de lo concreto, Apud Holliday.

aprendizagem e reflexão da cultura local, sobretudo afro-brasileira, apresento aqui a disposição dos capítulos.

No capítulo dois cujo título é **Corpo, Cultura, Lugar, Identidade e Memória: tecendo concepções**, discorro sobre as categorias de sentido que permearam esta pesquisa. Apresento as questões propostas pelos autores acessados bem como articulação com o tema de pesquisa. Situamos e problematizamos aqui o campo conceitual do trabalho. Outros autores serão apropriadamente citados no decorrer da escrita, sobretudo ao falar da Irmandade da Boa Morte propriamente dita.

O capítulo três **Cachoeira cidade memória: O Lócus da Pesquisa** traz uma abordagem centrada na pesquisa histórica sobre os fatos mais relevantes da cidade da Cachoeira bem como nos depoimento de historiadores da região. Situa geograficamente o corpo ao qual o estudo se debruça, ou seja, uma manifestação que representa a Cultura Afro-brasileira, que é a Irmandade da Boa Morte, numa determinada cidade da Bahia, que é Cachoeira, na qual a constituição histórica coincide com a própria história do país, no tocante a luta pela libertação escravista.

Seguimos discorrendo no capítulo quatro, ao qual chamaremos de **Irmãs de corpo: identidade e cultura no Recôncavo Baiano**, e predispomos o lugar à escrita para os ritos, a fé, a identidade cultural que representa a Irmandade e o recôncavo baiano principalmente ao olhar do observador, dado evidenciado pela pesquisa. Apresentamos imagens e descrevemos os significados atribuídos a cada parte do rito que compõem a celebração, os cultos de caráter católicos e afro-brasileiros que unem as integrantes da confraria em torno de um princípio comum: a crença e a devoção a Nossa Senhora. Os aspectos citados nesse capítulo foram apreendidos através da entrevistas com as irmãs, historiadores e professores locais, bem como pesquisa documental.

No capítulo cinco descrevemos **A educação em Cachoeira: A Irmandade da Boa Morte como conhecimento tratado no espaço educativo**. Buscou-se nesse momento, situar as três escolas alcançadas pela pesquisa, a saber, **Colégio Estadual Edivaldo Brandão Correia, Escola Dr. Augusto Públio e Colégio Estadual da Cachoeira**, na ordem em que foram visitados, dar ênfase a apresentação e análise dos dados coletados em campo sobre o contexto educativo local de maneira geral e pontual, ressaltando uma dificuldade existente devido a poucos registros que falem da composição do universo escolar na cidade e dar



visibilidade ao modo como os alunos percebem a Irmandade da Boa Morte como parte integrante do conteúdo escolar.

Ao capítulo seis chamamos de **Cultura e Corporal e identidade: Um caminho a desvelar**, constitui uma visão construída por meio da apreensão e análise dos dados coletados na pesquisa onde a Cultura Corporal é vista como principal elemento de manutenção e difusão da cultura afro-brasileira. Entendemos aqui Cultura Corporal como a gama de práticas corporais (a saber, oralidade, samba de roda, capoeira, contar histórias, modo de andar, jeito de falar etc.) que mediatizam a cultura e as relações humanas.

No sétimo capítulo, as **Considerações** finais convergem para a indicação de um caminho preliminar de entendimento da cultura corporal dentro das escolas, a partir de entendê-la como mecanismo facilitador e potencializador desta aprendizagem, entendendo a cultura e a educação enquanto vertentes do mesmo contexto, ou seja, dentro das relações e produções humanas.

## 2 CORPO, CULTURA, LUGAR, IDENTIDADE E MEMÓRIA: TECENDO CONCEPÇÕES

O corpo é o lugar do ser humano no mundo. É o lugar da memória, das trocas simbólicas e dos significados construídos e atribuídos pelos indivíduos sobre suas ações no cotidiano, das trajetórias sociais e da construção cultural. Pelo corpo materializamos nossa existência, dialogamos com o outro, produzimos conhecimento e somos afetados pelas convenções sociais e culturais as quais pertencemos e modelamos nossa identidade.

Dessa maneira, o corpo é uma resultante da construção das representações e convenções sócio-culturais e está sujeito aos moldes que essa estrutura lhe impõe, não necessariamente de modo passivo. Seja por qualquer braço dessa estrutura, como a escola, a família, as atividades de lazer, a religiosidade bem como as demais vertentes da estrutura social têm, em alguma medida, existe influência sobre as representações que trazemos através do corpo.

Ao se reportar à relação estabelecida entre cultura e corpo Maria Cecília (2009) nos sinaliza que:

A todo o momento a cultura faz e dita normas em relações ao corpo. Sendo ela portadora de uma construção dinâmica e interatuante entre sujeito-mundo, a cultura constrói e re-atualiza essas crenças e sentimentos. O corpo aprende, e é cada sociedade específica, em diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada, que o ensina. E ao ensiná-lo, nele se expressa: no olhar, no andar, no dormir, nos gestos, nas posturas e nas sanções. (SILVA, M., 2009, p. 37)

Portanto a gestualidade, as feições do rosto, o modo de caminhar, o vestuário, os cânticos, essas e outras atividades corpóreas denotam atos do corpo que expressam, enquanto linguagem, possibilidades de revelar as impressões escritas nesse próprio corpo, que comunicam e que perpassam as práticas culturais através do tempo histórico.

Do modo como percebemos esses atos do corpo, pensamos a Cultura Corporal, não como a cultura sendo um condicionante para o corpo, mas como sendo, conforme amplia Jocimar Daólio (1995), parte da definição ampla de Cultura e diz respeito ao conjunto de movimentos e hábitos corporais de um grupo

específico, ou seja, de uma cultura específica, diferindo grupos de indivíduos, ainda que estes possuam características em comum, e, ainda assim, sem diminuí-los. Dessa forma Daólio (2005) afirma que:

Ao se pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas. (DAÓLIO, 2005, p. 36)

Dessa afirmação pode-se apreender que mais importante do que formalizar uma concepção de corpo enquadrada a um campo específico do conhecimento e, a partir daí, a elaboração e definição de conceitos estanques é o diálogo necessário das práticas culturais com a produção mediatizada e vivenciada pelo âmbito corpóreo, como as relações sociais e as trocas, materiais e/ou simbólicas, que essa vivência oportuniza. Complementa ainda essa perspectiva com o pensamento de Marcel Mauss quando este fala que:

No fundo, corpo, alma, sociedade, tudo se mistura. Os fatos, que nos interessam, são fatos especiais de tal ou qual parte da mentalidade; são os fatos de uma ordem muito complexa, a mais complexa que se pode imaginar. São aqueles para os quais proponho a denominação de fenômenos da totalidade, em que não apenas o grupo toma parte, como ainda, pelo grupo todas as personalidades, todos os indivíduos na sua integridade moral social, mental e, sobretudo, corporal ou material. (MAUSS [1974], apud DAÓLIO, 1995, p.44)

Essa afirmação possibilita-nos dizer que todas as leituras passíveis de interpretação produzidas pelos fenômenos sócio-históricos e, portanto, culturais, passam pela leitura do corpo, enquanto estrutura complexa e cheia de teias, traduzidas em um leque de sentidos e significados produzidos e reveladas pelas atividades corporais, uma vez que todos esses setores sociais concretizam-se pela existência corporal, seja ela individual ou coletiva.

Deste modo, dentro da perspectiva da Cultura Corporal, busca-se compreender como a cultura se dá por meio do corpo para cada um, como a sociedade contribui com suas formas e regras para manutenção de seus hábitos e costumes e como essa materialidade converte-se através da experiência corporal de

cada indivíduo, dentro da própria sociedade, ao longo do tempo revisitado pela história do tempo presente.

## 2.1 O CORPO E A MATERIALIDADE DA EXPERIÊNCIA CULTURAL

Marcel Mauss (2003) ampliou as fronteiras da antropologia por dedicar-se a pensar o corpo e enfatizar em seus estudos que o jeito de andar, os usos do corpo humano, os gestos e movimentos, em suma, que toda prática corpórea é determinante para compreender o funcionamento de cada modo cultural, com suas regras, com os símbolos que representam e trazendo a noção de “técnicas corporais” por meio da interpretação dos “fatos sociais”, que para Mauss tem a troca como fundamento da vida social<sup>2</sup>.

Clifford Geertz (1989), ainda sobre o pensamento do corpo como manifestação material da cultura, afirma que a discussão acerca do homem só é passível de existir a partir de um referencial cultural, ou seja, não se pode desvincular o homem da cultura. Geertz (1989) afirma ainda que há necessidade de realizar uma descrição bruta e minuciosa a fim de poder interpretar os textos culturais produzidos pelas ações do humano.

Seguindo o pensamento no qual o corpo não pode prescindir da cultura, bem como o contrário, Jocimar Daólio (1995) diz que ao associar qualquer adjetivo ao corpo adota-se uma dinâmica cultural particular, que só faz sentido num grupo específico, que pode ser entendido como o grupo cultural, no qual o indivíduo se encontra inserido. Mais precisamente, sobre um corpo específico, dentro de um contexto específico Daólio afirma ainda que:

“O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sócias, num processo de incorporação. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões.” (DAÓLIO, 1995, p.25)

---

<sup>2</sup> As Técnicas Corporais, escrito por Marcel Mauss em 1974 integra a obra Antropologia e Sociologia do mesmo autor, já demonstrava a preocupação do antropólogo em compreender como cada sociedade e, portanto suas normas e regras definidas atuam sobre a vida dos indivíduos. Nesse sentido, Mauss entende o corpo enquanto construção histórico-social.

Maria Cecília (2003) aborda uma concepção de corpo não idealizada e não instrumentalizada, uma concepção que busca perceber o homem em sua totalidade através de pensá-lo como um corpo real, com necessidades e demandas reais integrantes de um sistema dominante que busca camuflar maneiras de subjugá-lo. Para a autora:

O corpo deve ser compreendido numa perspectiva de totalidade, como referência ao ser humano real, do ser no mundo e das condições econômicas e sociais em que ele tem de viver, e não de forma reducionista, em que se considera um ser humano – corpo – de forma fragmentada, numa visão dicotomizada do ser em corpo/mente, própria do dualismo cartesiano. (SILVA, M., 2003, p.38)

Num caminho próximo a essa concepção de corpo real, buscando evitar as relações de dualismo e primando por pensar nas relações de permuta e contraste concernentes ao corpo, Chistiane Greiner (2005) nos chama atenção para o fato de que os estudos feitos entre as áreas do conhecimento antropológico, sociológico e biológico tendem a apresentar o corpo como sendo mecanismo receptor de uma cultura dada, a autora afirma ainda que “entende a relação entre corpo e ambiente em movimentos de mão dupla. Ou seja, não é a cultura que influencia o corpo, ou o corpo que influencia a cultura, trata-se de uma espécie de “contaminação” simultânea entre os dois sistemas” (GREINER, 2005, p.103). Ainda para a autora, o corpo deve ser percebido como um sistema e não como um produto ou mesmo um instrumento.

Essas concepções denotam uma experiência advinda do corpo que traçam uma ligação tênue com a cultura, uma possibilidade de compreender o homem em sua totalidade. Uma experiência ligada à construção social, a espaços e a lugares definidos como no caso da Irmandade da Boa Morte que está assentada na cidade da Cachoeira, conectada a história, religiosidade e fé e que forma fonte de referência para toda região do Recôncavo Baiano.

Portanto, não pode haver transmissão de cultura, nem formação de sociedade se não houver um corpo no qual se possa comportar e dar movimento essa gama de significados, ou seja, o que se pode interpretar da realidade concreta na qual se vive. A materialidade da cultura esta intrinsecamente ligada à experiência praticada através do corpo, independentemente da manifestação cultural e do lugar onde esta esteja.

Outro aspecto que materializa a experiência corporal consiste na interpretação dos mais variados de pensar, ser e agir da atividade cultural o que caracteriza, portanto, a diversidade cultural, ponto iminente nessa discussão. Como pontua Homi Bhabha (1998):

A diferença cultural não pode ser compreendida como um jogo livre de polaridades e pluralidades no tempo hegemônico e vazio da comunidade nacional. (...) A diferença cultural como forma de intervenção, participa de uma lógica de subversão suplementar semelhante às estratégias do discurso minoritário. A questão da diferença cultural nos confronta com a disposição de saber ou com a distribuição de práticas que existem lado a lado, (...) designando uma forma de contradição que tem que ser negociado em vez de negado. (BHABHA, 1998, p 228)

O corpo vai além do suporte temporal da cultura, ele é a construção cultural da sociedade que ele modifica e que por ela é modificado. Na contemporaneidade, não mais comporta ressaltar apenas um aspecto do homem, seja ele o biológico, o social, o geográfico, ou ainda intelectual, uma vez que, a interação entre esses múltiplos fatores é que nos dá a possibilidade de compreensão da dimensão do humano em sua totalidade, bem como de suas potencialidades tanto individuais quanto coletivas.

Dessa maneira, o homem é produtor e ressignificador de cultura, Ele a produz com o seu corpo (dimensão física) e no aprimoramento da capacidade inteligível, bem como por ela (cultura) é modificado. Ele convive absorve/transforma como legado cultural pré-existente, atualizando esse repertório e produzindo outros sentidos e significados e partilhando com seus semelhantes aquilo que lhe foi apreendido.

Um dos caminhos observados como materialidade da experiência cultural bem como fonte de investigação, utilizado nessa pesquisa, são os registros orais onde a memória e a história trilham por espaços estreitamente comuns. Há autores que ressaltam a memória como sendo a “matéria prima” do trabalho histórico. A oralidade, sob essa óptica, seria a materialidade da memória. Falando sobre história oral, Lucilia Delgado (2006) afirma:

É um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história

em suas múltiplas dimensões, espaciais, conflituosas ou consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas sim o estudo depoimentos sobre essa história vivida. (...) move-se em terreno interdisciplinar, já que utiliza muitas vezes música, literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita para estimular a memória. (...) Finalmente, recorre à memória como fonte principal que subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final, a fonte histórica produzida. (DELGADO, 2006, p.15)

O relato oral, e, conseqüentemente, sua ligação com a memória, serve também para suprir lacunas da documentação escrita bem como para complementá-la. A oralidade é um caminho pelo qual produzimos o conhecimento histórico, articulando o tempo passado, no qual os fatos são acontecidos e o tempo presente no qual o depoimento é coletado. Dessa forma, no pensamento da história do tempo presente, rememoramos acontecimentos históricos e os ressignificamos, pois estamos trazendo esses acontecimentos ao tempo atual, através do corpo.

Mais uma potencialidade da dimensão humana materializada pela experiência corporal de relevância a compreensão da totalidade humana é a experiência dentro do âmbito educacional, ou seja, na maneira como cada grupo social rege suas normas concernentes a educação. Uma sociedade constrói seus valores e repassa-os através dos ensinamentos legados a seu povo e o modo com o qual se disciplinam, se trocam experencialmente e se movimentam os corpos na dinâmica ensino-aprendizagem modelam a os grupos sociais que se pretende consolidar. Sendo assim, o corpo, dentro e fora dos espaços ditos educacionais, está sujeito a determinações sociais historicamente produzidas, mantidas e consolidadas que nutrem um propósito pré-fixado por interesse da classe dominante. Dentro dessa ótica, educar o corpo em prol da consciência de si e do papel que possui na sociedade como um todo, é determinante para aclarar as fronteiras do pensamento crítico em torno da realidade na qual se vive.

## 2.2 CULTURA, CORPO E EDUCAÇÃO COMO DISSOCIAR?

Educar um homem como um ser social é ir além da simples adaptação a essa sociedade. É torná-lo capaz de ultrapassar as mudanças sociais que resultarão necessariamente da evolução das relações dos homens entre si.

Heloisa Bruhns (Conversando sobre o corpo, 1994).

A tarefa a qual nos propõe a epígrafe preza por uma proposta de educação no mínimo emancipatória. Ao mesmo tempo nos leva a refletir sobre o sentido de se pensar a educação e principalmente o que move e a que se destinam os princípios educativos. Perguntamo-nos então diante dessa afirmação para que educar? Com o que (quais conteúdos) educar? E enfim, mas não menos importante o que afinal seria educação?

Mas há que se pensar também nas formas como a educação se processa, como ela se dá de fato. E sabemos que existem muitas formas do processo educativo acontecer. No processo da pesquisa de campo, umas das professoras mais antigas entrevistada na Escola Estadual Edivaldo Brandão Correia, em Cachoeira, nos coloca em meio ao seu discurso a sugestiva afirmação: “a educação acontece até embaixo de um pé de árvore”, a professora nos coloca a afirmação diante da pergunta: qual a importância da educação na sua vida? E diante da afirmação dela nós pensamos que verdadeiramente assim o é, sem negar em nenhum momento a importância do espaço escolar na formação humana, mas não se pode evitar que as ligações que se estabelecem nas relações de ensino e aprendizagem se dão em qualquer dimensão do humano, independentemente do lugar em que se encontre ou mesmo de uma ciência própria que a defina, portanto basta ter atividade corporal para ter educação.

Carlos Rodrigues Brandão (1985) nos traz um exemplo da amplitude do processo educativo ao dizer que:

A educação é o território mais motivado desse mapa. Ela existe quando a mãe corrige o filho para que ele fale direito a língua do grupo, ou quando fala a filha sobre as normas sociais de “ser mulher” ali. Existe também quando o pai ensina a polir a ponta da flecha, ou quando os guerreiros saem com os jovens para ensiná-los a caçar. A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender. (BRANDÃO, 1985, p. 26)

Pensando a educação como um grande mapa a se percorrer a caminho da mobilidade e compreensão social, percebemos dessa maneira que ela (a educação) está em todos os lugares, em vários momentos da vida e nas mais variadas relações entre as pessoas, o que nos traz a seguinte concepção:



Assim sendo, podemos dizer que toda forma de educação é uma caminhada ascendente de um indivíduo, num processo de individuação, re-significação, de estações que conduzem para os entendimentos da experiência que a humanidade, a sua espécie, realizou durante épocas anteriores. É uma caminhada histórica para conhecer a saga, a aventura da humanidade, da ciência, e dos homens que antecederam seus produtos, sua cultura, seus desafios e atributos e qualidades. (BORDAS; SILVA, M., 2008, p.47)

Diante do exposto, retomamos mais uma questão ligada à educação que tange o percurso histórico e a cultura apreendida pelos indivíduos e desemboca nos termos do que se ensina (e do que não se ensina) e de qual é afinal a grande questão a que compete à educação. Se a educação é em si um percurso, uma tomada constante de decisões, um estar no mundo ligado a transmitir algo a alguém, portanto interagir mediante atuação do corpo, logo “a tarefa da educação pode consistir em proporcionar aos indivíduos os caminhos para chegar ao conhecimento histórico da experiência que outros indivíduos realizaram. É uma exigência histórica, antropológica e humana. (BORDAS; SILVA, M., 2008, p.48)”. Uma experiência histórica iluminada de sentido, dentro de uma concepção própria de cultura e experiência cultural.

A concepção de cultura aqui apreendida baseia-se na produção humana, material e simbólica, bem como no arcabouço de práticas resultantes desse processo, corpóreas bem como subjetivas, na tentativa de compreender as relações humanas e tecer significantes destes, com o lugar onde se encontram. A cultura foi à própria condição de existência do homem, portanto é da natureza do homem ser um ser cultural (GEERTZ, 1989). Nesse sentido, a cultura pode ser entendida ainda como uma trajetória do ser humano passível de ser compartilhada e legada a gerações posteriores com produção de sentido. É por meio da cultura que os grupos sociais expressam suas concepções de mundo, construindo e preservando ritos, costumes e hábitos sociais.

Dentro de uma perspectiva educacional o pensamento antropológico é recorrente ao afirmar que o que se ensina ao corpo, nele se expressa, portanto o que a sociedade inscreve nos corpos dos indivíduos que a integram será lido por aqueles que integram e por aqueles que estudam e interpretam esses processos bem como as antíteses e conflitos que advêm deles, sobretudo dentro do binômio Cultura-Educação.

Mário Vieira de Mello (1986) ao refletir sobre o par Cultura e Educação, aponta que “um dos paradoxos do mundo contemporâneo consiste no fato de que embora exista em torno de sua Cultura a suspeita de que esteja em decadência, sua Educação evolui num ambiente de confiante euforia e do mais irrestrito otimismo” (MELLO, M., 1986, p.13). A reflexão do autor nos aponta uma deficiência no processo educativo em lidar com os conteúdos da cultura que o cerca. A crise está, não nos conteúdos, tendo em vista o vasto legado cultural acumulado pela humanidade, a ser transmitido e atualizado, mas na abordagem, métodos e estratégias de transmissão, em particular, por parte dos educadores. Há que se considerar também o déficit nos processos de formação dos educadores, mais ainda nas convicções do educador em matéria de Cultura advindas desses processos.

Neste sentido, o desafio que se apresenta é primeiro a compreensão de que Cultura e Educação são processos correlatos, inclusive faz-se necessário aclarar a idéia de que na educação, o homem produz e se torna criador de cultura, seguido de mecanismos de caráter prático na atividade, na ação de educar, a fim de motivar e consolidar a Cultura como resultado advindo da experiência educativa.

Pensamos então que a ação de educar consiste em uma atitude inerente à existência humana, independente do espaço e do momento no qual se aconteça. É uma consequência do existir na humanidade, do estar e do pertencer à sociedade bem como nas relações entre os indivíduos. Carlos Rodrigues Brandão (2002) discorre sobre essa fluidez dos processos educativos, quando fala:

Educamos crianças e jovens porque eles nasceram. Porque vieram ao mundo sem saberem quem são, quem somos nós que os antecederemos, e o que é “este mundo” que compartilharemos juntos por algum tempo e que, um pouco adiante deixaremos para eles, adultos. Educamos os que nascem porque esta é a única maneira – escolar ou não – de criar pessoas e recriar mundo de interações entre as pessoas. Mundos que culturalmente transformam gestos e gestos em ações regidas por acordos sociais de sentidos e por consensos de significados. (BRANDÃO, 2002, p. 140).

Como Brandão (2002) nos demonstra em sua escrita, o fazer educativo nos é proposto ainda que não saibamos desse processo nem de como ele se dá, ainda que a ciência de que se está ensinando e/ou aprendendo não esteja evidenciada, ainda assim é um fenômeno latente à existência, prestes a aflorar tão logo seja necessário. Dessa maneira, separar elementos complexos da estrutura humana, que

por sua vez são engrenagens do mesmo equipamento cultural implica em deixar de considerar as potencialidades das ações humanas como um todo, uma vez que corpo, cultura e educação são as dimensões imprescindíveis da compreensão humana, como elementos sociais e como elementos existenciais.

Como um dos elementos da sociabilidade humana, a comunicação constitui um fator essencial na organização de sociedades ou grupo de animais, dela deriva uma série de relações, contatos e transmissão de informações, assinaladas pelas várias faces deste processo. A comunicação se dá por meio de múltiplos “códigos” (verbais, corpóreos, imagéticos, materiais e imateriais) e quanto mais “códigos se conhece, maiores são as possibilidades de permutar informações. Comunicar, sob essa ótica, consiste em converter expressão subjetiva em expressão objetivada, deslocar-se do real físico do objeto referido para o real da idéia articulada no concreto da linguagem. Para efetivar a linguagem, podendo assim comunicar, utilizam-se as palavras que tornam as coisas presentes por intermédio de sua noção. As palavras são mediadoras entre o consciente e o mundo. Nota-se que o pensar e o falar só se tornam possíveis dentro do universo das idéias de uma língua. As línguas são experiências do coletivo, constituem o ambiente humano e agem sobre o indivíduo (criação cultural), logo, o aprendizado da fala implica no aprendizado da cultura inerente a ela, além de estruturar experiências pessoais nas culturas existentes.

Como na maioria das formas de interações sociais, a educação tem como princípio a comunicação, e através desta afirmam-se às relações e práticas pedagógicas, num processo contínuo, considerando a fala como atividade intrínseca da figura humana. No curso da história, é notável a supremacia da escrita em detrimento do oral, como se relatos pessoais, histórias de vida e biografias não contribuíssem para o conhecimento do passado, por serem subjetivos em relação a fatos característicos de uma época e um dado período (BOSI, E., 2003). Entretanto, a história oral permite um acesso às “histórias dentro da história” ampliando as possibilidades de interpretação do passado, ampliando as possibilidades de interpretação do passado, contrariando a História positivista (empirismo) do século XIX, transformando-se na História do local e do comunitário, opondo-se a chamada História da nação (BOSI, A., 1987). Com o advento das inovações tecnológicas, o documento escrito deixou de ser fonte exclusiva de confiabilidade dos valores históricos, ampliando o campo de atuação e interesse da pesquisa oral, como no

caso de pesquisa acerca de História de Instituições (públicas ou privadas), registro de tradições culturais (incluindo as tradições orais) e História da memória, sendo este último, aquele ao qual a História oral pode trazer contribuições mais pertinentes (LE GOFF, 1995).

A memória é fundamental a um grupo social uma vez que está atrelada a construção de sua identidade. Os relatos de memória são tratados, na maioria das vezes, de maneira desprivilegiada, sem reconhecimento científico, desmerecendo o valor que as contribuições da narrativa oral têm para oferecer. A História oral baseia-se no estudo das formas como pessoas ou grupos elaboram suas experiências, incluindo situações de aprendizado e expressões culturais. Nesse mesmo sentido, a História oral tende a reforçar a identidade de grupos que integram a história, oportunizando a voz aos sujeitos que, apesar de fazerem parte dela, são apenas contados e nem sempre possuem direito de contá-la, tornando-se adjetivos da própria história a qual integram. Pode-se afirmar que nas comunidades em que a escrita não é praticada, os relatos orais demonstram importância crucial, tendo em vista que esta é a única maneira pela qual a história e os costumes permanecem vivos, com o relato dos mais velhos aos mais novos. Mesmo nas comunidades em que a escrita hoje se mostra presente, houve um momento precedente cuja história oral era a única fonte de propagação da cultura local. A oralidade traz à tona a ação da memória, possibilita o conhecimento e a transmissão das experiências do cotidiano, pois, por meio dela a história pode ser revisitada e projetada através das gerações.

O conhecimento transmitido pela oralidade e pela memória, nem sempre é levado em consideração nos espaços formais propostos para educação. Nas escolas, a relação ensino-aprendizagem apresenta um enfoque acentuado na escrita, priorizando esta como principal responsável pela aquisição legítima do saber. As instituições de ensino conservam a idéia de que as fontes escritas constituem o meio mais válido de conhecimento, e sustentam uma prática pedagógica apoiada em uma história passiva, voltada exclusivamente para o passado dissociado do presente, resumida ao estudo dos marcos históricos pontuais, heróis de época e fatos transitórios, distanciados da realidade dos educandos.

Na cidade da Cachoeira, esta pesquisa localizou um projeto cuja base de formação encontra-se na oralidade. Trata-se do Projeto Memória Viva no Terreiro:

Cantos, Encantos e Contos da Teia Nagô, que integra as iniciativas da proposta Ação Griô, e entendem que Cachoeira, assim como todo recôncavo constitui uma grande rede de tradição oral. A Ação Griô consiste em estimular a tradição oral nas comunidades, realizada por “contadores de estórias”, sujeitos que adquiriram conhecimentos de antepassados e os repassam contando estórias, os chamados griôs (“abrasileiramento” da palavra francesa *griot*, usada por jovens africanos que foram estudar em universidades francesas e que se preocupavam com a preservação de seus contadores de histórias, que carregam consigo a tradição oral). “A principal proposta da Ação Griô, do Programa Cultura Viva, é reaprender com os Griôs e mestres da tradição oral o jeito de construir o conhecimento integrado à ancestralidade<sup>3</sup>”. Essa proposta, parte do projeto pioneiro do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griôs, que se localiza na cidade de Lençóis, na Bahia e articulado com Pontos de Cultura por todo Brasil primam por práticas pedagógicas que valorizam os saberes e fazeres locais através da oralidade e parceria com instituições de educação formal<sup>4</sup>.

Os Pontos de Cultura são associações ou organizações não governamentais que, em parceria com o Ministério de Cultura, firmam ações com escolas e com a comunidade e realizam atividades onde buscam trabalhar a identidade e a cultura locais. Esses chamados Pontos de Cultura fazem parte do programa do Governo Federal Intitulado Cultura Viva, o qual busca incentivar a manutenção da cultura local. A irmandade da Boa Morte possui algumas integrantes que representam a confraria no Projeto Ação Griô em Cachoeira, uma delas é a Irmã Dágma Barbosa dos Santos, ou como é mais conhecida Daddy Barbosa com seus setenta anos de idade, a artesã e sambadora de roda é reconhecida no Projeto como Mestre da Tradição Oral, ou seja, Mestre Griô.

A diferença entre um Mestre da Tradição Oral de um Griô Aprendiz está na formação de cada um. No primeiro caso, a nomenclatura se dedica a quem

---

<sup>3</sup> Informações concedidas através de pesquisa de campo e da página na internet do Ministério da Cultura. Disponível em < [http://www.cultura.gov.br/cultura\\_viva/?page\\_id=25](http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=25) > Acesso em 26/08/2008

<sup>4</sup> Entende-se aqui como Instituição de educação formal, a instituição na qual a atividade educacional existente, segue um ordenamento previamente elaborado e normatizado pelos mais variadas instâncias dos órgãos responsáveis pelo seu funcionamento, desde a coordenação pedagógica da escola, secretaria de educação do município até o governo federal (Ministério da Educação); Ver GOHN, 2005.

constituiu seu saber pela vivência, pelo notório saber edificado na oralidade. No caso do Griô Aprendiz este possui uma formação acadêmica, legitimada por uma instituição de ensino formal, mas com a mesma perspectiva de formação e expansão do conhecimento construído a partir da oralidade. Esse aspecto ressalta a relevância da articulação do Projeto Ação Griô com as escolas da localidade na qual se encontram, tendo em vista a atuação nacional do Projeto.

Percebemos que ainda assim, com essas iniciativas, o saber que se edifica por meio da oralidade, em muitas situações é negligenciado e mal conceituado devido a sua elaboração, em muitos casos, não estar sistematizada, consumada como documento ou registro bibliográfico. A Oralidade em suas diversas instâncias compõe um acervo que agrega memória de comunidades, bairros, cidades, e permite que essas histórias sejam contadas pelas próprias pessoas que se tornam sujeitos dessa história. Também as diversidades das manifestações artístico-culturais, que pertencem a Cultura Popular e Afro-brasileira, são difundidas e mantidas em sua maioria devido à resistência da Oralidade, como outra forma de contar histórias, valorizar e aperfeiçoar a comunicação entre os indivíduos, inovar e otimizar os processos educativos e corporais. A dimensão da Oralidade aciona a visibilidade de grupos que na abordagem da história cultural, passam a serem vistos como construtores de sentidos e significados sobre fatos, situações e experiências do mundo vivido e do lugar ocupado.

### 2.3 LUGAR, ESPAÇO E TERRITÓRIO

O lugar é um mundo de significado organizado.

Yi- Fu Tuan (Espaço e lugar: A perspectiva da experiência, 1983)

Ao buscar a aproximação junto a um grupo cultural específico buscou-se considerar nesse estudo, uma concepção de lugar. O Lugar além de ser um fator identitário notável, é um aspecto relevante no entendimento dos códigos simbólicos expressos e passíveis de interpretação das paisagens culturais, termo que tem sido amplamente utilizado dentro da chamada geografia cultural. A cidade da Cachoeira compreende um espaço geográfico peculiar de relevante

amplitude histórica e constituição territorial, dessa maneira realizar uma análise geográfica da configuração urbana e suas inter-relações nessa cidade, contempla uma dialética oportuna tendo em vista que o espaço modifica as práticas culturais assim como as práticas culturais influenciam o espaço.

O lugar ao qual nos referimos constitui um entendimento que vai além do espaço físico, ele se revela uma paisagem composta de elementos e de referências peculiares passíveis de descrições objetivas e interpretações racionalizadas, o lugar, nessa perspectiva mais humana, constitui-se como uma paisagem cultural (ROSENDHAL, 2003), campo da materialização das experiências vividas que ligam o homem ao mundo e às pessoas, e que despertam os sentimentos de identidade e de pertencimento no indivíduo (HALL, 2006). É, dessa forma, uma ponte estendida entre o mundo subjetivo do sujeito e o ambiente no qual ele vive. O lugar pode representar aspectos singulares e locais ao mesmo tempo em que pode ser geral e global, o lugar é a materialização de vivência para cada um.

Para os estudos no campo da geografia humana, sobretudo dentro da geografia cultural onde cada vez mais essa perspectiva ganha atenção, a ligação entre a cultura material, costumes sociais e significados simbólicos (como religião e linguagem) e o lugar onde se encontram é deveras promissor, no tocante ao entendimento das construções e relações sociais. Portanto, é cada vez mais indispensável considerar a dimensão imaterial busquem compreender o homem e suas relações com seu espaço vivido, uma vez que:

A dimensão imaterial do espaço não deve ser negligenciada, sobretudo se pretende valorizar a relação do espaço com as práticas culturais. Desse modo, um estudo que leve em conta o espaço e o território como conceitos fundamentais deve considerar os sentimentos e as idéias de um grupo sobre o espaço tomando como ponto de partida a sua experiência vivida. (IPHAN, 2005, p. 11)

Corroborando esse pensamento, destacamos que para Tuan (1983), o homem, com resultados de suas experiências íntimas com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais. (TUAN, 1983, p. 39). Dentro desse pensamento, a Irmandade da Boa Morte, com todo seu corpo de mulheres afro-descendentes,

encontrou na cidade da Cachoeira um lugar oportuno para dar continuidade e professar a sua fé.

Dessa maneira, quando espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar. Portanto o corpo é o lugar humanizado da memória, pois o espaço “fechado e humanizado” é lugar. Ou como diria ainda Michel de Certeau (1995) o espaço é “o lugar praticado”. Logo, as manifestações culturais que permeiam um dado ambiente acabam por assimilar características desse entorno, vivenciando-as. No caso da Irmandade da Boa Morte, tanto há uma relação com o espaço urbano, onde a procissão circula com um trajeto pré-estabelecido e com um lugar definido de culto e devoção, o lugar próprio para o exercício da religiosidade. O que nos leva a pensar que as práticas culturais também podem ser entendidas como práticas espaciais, como ressalta o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN, 2005) em seus relatórios:

Para os geógrafos culturais que valorizam a experiência espacial, os conceitos fundamentais são aqueles de paisagem e de lugar. A paisagem cultural representa mais do que simplesmente o visível, os remanescentes físicos da atividade humana sobre o solo. A paisagem é introjetada no sistema de valores humanos, define relacionamentos complexos entre as atitudes e a percepção sobre o meio. (IPHAN, 2005, p. 11)

As manifestações culturais vivenciam e experimentam os lugares onde se encontram e estabelece laços de experiências que constroem significações e identidades além de para a geografia cultural, a cultura passa a ser o espaço vivido e materializado pelo corpo, seus ritos e seus sentidos (moral, intelectual, individual, etc.).

As paisagens culturais, segundo a concepção da nova geografia cultural, que buscam mais uma interpretação das relações lugar e os indivíduos a uma descrição morfológica, se convertem em textos como afirma Zeny Rosendahl (2003) que permitem com que possamos interpretar os fenômenos culturais no lócus onde se encontram, bem como as relações estabelecidas com os sujeitos sociais que nele se encontram e que por ele perpassam. Ainda sobre paisagens culturais e suas concepções Milton Santos (2006) vai nos dizer que:



A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais -concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico. A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente. (SANTOS, M., 2006, p.67)

Para Milton Santos (2006) a leitura oportunizada pelas paisagens culturais pertence a uma realidade tangível necessária a essa compreensão. Tendo em vista que cada lugar é único, têm suas demandas, seu povo, suas formas específicas de prover suas relações de continuidade, bem como suas próprias concepções acerca da paisagem e do espaço por eles ocupado. Dessa maneira, cabe dizer ainda que a dimensão social do espaço quer seja ela religiosa, política, pedagógica, se dá no corpo, que é o lugar de leitura e significação humana, pois, não pode haver espaço sem ação social e esta última não pode prescindir da existência corpórea.

Milton Santos nos chama atenção ainda para compreensão do espaço urbano sobre os efeitos da globalização, mundialização e da universalização das categorias teóricas e nos leva a refletir sobre um fenômeno por ele chamado de “glocalidade” onde cada lugar é um mundo, se sentidos e de significados, e onde cada espaço, segundo o autor, pode ser virtualmente mundial, ou seja, os lugares são elos entre o indivíduo e o mundo, independentemente de que lugar ele esteja, a depender da leitura que se faça, quer seja essa leitura de ordem antropológica, histórica e/ou sócio-cultural. Em suma para Milton Santos, a paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente (SANTOS, M., 2006, p. 67), ou seja, o espaço deve ser analisado conforme as redes de categorias fundantes, a saber, estrutura, processo, função e forma, consideradas em suas relações dialéticas.

Ainda no campo das distinções acerca das concepções utilizadas nesta pesquisa, destacamos a construção do conceito de território, dentro da relação espaço e lugar aqui abordados. Ao entendemos o lugar, enquanto espaço, vivido

e praticado pelo homem, pensamos que, desta forma, a existência do espaço precede a existência do lugar. Desta forma tem-se o espaço, o homem ocupa com sua moradia e atribuição de significados e o transforma em lugar, portanto o espaço pode prescindir da ação do homem para existir, o espaço existe enquanto constituição geográfica. Já o lugar para existir necessita que o homem atue sobre ele, o reconstrua e, portanto, o ressignifique. O território nessa teia de relações aparece como o lugar constituído e identificado para o homem como sendo seu e não de outro, ou seja, como o lugar onde as relações humanas delimitam ainda que subjetivamente seus limites, significados e significantes, bem como sua identidade. Como menciona o Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional - IPHAN

O que propomos aqui é que o território não pode ser visto apenas como a projeção das relações sociais no espaço, mas também a projeção do espaço nas relações sociais. É apenas através dessa dialética que o conceito de território pode ter uma verdadeira importância em estudos sobre práticas culturais. (IPHAN, 2005, p.11)

Compreender o território é compreender a constituição humana enquanto valores histórico-sociais e simbólicos. É compreender outra forma de leitura do homem e do espaço no qual ele vive e por ele é modificado. É entender os processos dialéticos de análise como potencializadores da interpretação humana e suas relações com o espaço vivido, bem como com o território edificado. De maneira sucinta, numa cadeia hierárquica teríamos o seguinte traçado: o espaço, o lugar a partir desse último a construção do território e suas significações.

O lugar pode ser ainda fonte de elaborações identitárias, uma vez que a dimensão imaterial do espaço ocupado também deve ser levada em consideração, para efeitos de análise e interpretação da relação do espaço com as práticas culturais. Para além da análise unicamente geográfica, a disposição do lugar, a maneira como este se encontra organizado, bem como a maneira com a qual os indivíduos dispõem desse lugar, denotam as ações e a subjetividade dos sujeitos que nele habitam, o processo sócio-histórico pelo qual passou e passa, levando em conta a história do tempo presente, e a identidade cultural que representa esse espaço, bem como representam os indivíduos que experimentam e vivem num dado lugar.

## 2.4 IDENTIDADE E MEMÓRIA: CAMINHOS COMUNS

Pensando em identidade como um processo dinâmico de afirmação e representação, tanto de coletividade quanto de individualidade, é necessário compreender a articulação dos movimentos que os constituem, quer estejam eles alicerçados nas relações de poder, como destaca Tomaz Tadeu da Silva (2008); quer estejam onde as categorias de identificação universal (homens, mulheres, negros), na modernidade, não são mais suficientes para esgotar o entendimento do termo, como destaca Stuart Hall (2006), uma vez que podemos ter ou mesmo pertencer a “várias identidades” em construção.

A memória é o mecanismo pelo qual se pode acessar realidades outras, vivenciadas ou relatadas em momentos históricos a que se pertence ao a que se viu referir. Para os mais formais, podemos afirmar que a memória funciona como principal fonte de um procedimento metodológico que é a História Oral, no qual se entende que história, tempo e memória é um processo interligado e que o tempo da memória ultrapassa o tempo individual (DELGADO 2006). A memória é o alimento que dá substrato as narrativas e depoimentos orais, e cada vez mais tem ganhado espaço e reconhecimento enquanto procedimento metodológico de investigação, pois se utiliza, dependendo do enfoque do depoimento de dois amplos recursos: a história do tempo passado e a história do tempo presente.

A História Oral, em suas diversas instâncias (sejam passado ou presente), compõe um acervo que agrega memória de comunidades, bairros, cidades, e permite que essas histórias sejam contadas pelas próprias pessoas que se tornam sujeitos dessa história. As manifestações artístico-culturais que pertencem a cultura afro-brasileira são difundidas e mantidas em sua maioria em grande parte devido à resistência da oralidade, como outra forma de contar histórias, valorizar e aperfeiçoar a comunicação entre os indivíduos, inovar e otimizar os processos educativos.

Ainda nesse percurso e entendendo memória e história enquanto processos sociais e dialéticos da condição humana, ambos constituem fundamento necessário a produção, compreensão e formação de identidades, uma vez que:

A construção de identidades é também uma dinâmica através da qual a identificação das similitudes e a afirmação das diferenças

situam o ser humano em relação aos grupos sociais que o cercam. A metodologia da história oral, por sua vez, é um procedimento que em muito contribui para que tais similitudes e diferenças sejam destacadas ou reconhecidas. (DELGADO, 2006, p 51)

A noção de identidade vem acompanhada de uma concepção de pertencimento (HALL 2006), um “fazer parte” que a torna ao mesmo tempo um fator coletivo e individual. Para Tomaz Tadeu (2005) os processos de identidade estão atrelados a contradição de uma realidade que pretende fixar a identidade e outra que busca questioná-la. Segundo o autor, os estudos da teoria cultural social tendem a abarcar os “territórios de identidade” que permeiam essas duas premissas, tanto a da identidade fixa quanto a da mobilidade, partindo do estudo das identidades nacionais, de gênero, sexuais, raciais e étnicas, ou seja, precisamos nos debruçar sobre o entendimento da identidade e, no entanto, para entendê-las, é necessário entender também as diferenças que as constituem.

Tomaz Tadeu (2008) nos fala ainda de identidade e diferença, na perspectiva da diversidade, enquanto produção social, e da importância de realizar essa abordagem dentro das escolas. Fala da maneira como a abordagem tem sido feita, geralmente de maneira marginal, enquanto temas “transversais”. Destaca ainda a importância do conceito de “identificação”, também abordado por Hall, que não encerra os questionamentos relativos ao termo identidade, amplia, porém, no sentido de vê-la como processo e, portanto, construção.

Sobre a chamada Identidade Cultural, Hall (2008), trás a tona a reflexão acerca da necessidade de se ter uma identidade, “quem precisa dela?”, pergunta ele, questionando a finalidade de se ter identidade dentro da conjuntura atual, e afirma ainda que:

Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou de outra, criticam a idéia de uma identidade integral, originária e unificada. (...) Têm-se delineado em suma, no contexto da crítica antiessencialista das concepções étnicas, raciais e nacionais da identificação cultural e da “política de localização”. Algumas das concepções teóricas mais imaginativas e radicais sobre a questão da subjetividade e da identidade. (HALL, 2008, p.103)

Hall (2008) nos chama atenção para os discursos produzidos a fim de “formatar” uma identidade nacional, bem como as intenções de dominação que

insistem em se esconder por traz desse discurso, na tentativa de homogeneizar os indivíduos. Segundo o autor, uma identidade unificada e plenamente segura, não passa de uma “fantasia”, diante da multiplicidade de sistemas de significação cultural ao qual somos expostos, e das identidades que podemos assumir, por um longo prazo ou ainda temporariamente. Antiessencialista, no sentido de não possuímos mais a mesma identidade que contemple a totalidade da existência humana desde o nascimento e dure durante toda a vida. Não ter uma identidade fixada para Hall, é a síntese do pensamento identitário do pós-modernismo, a identidade nessa conjuntura é vista como um processo móvel, dinâmico que depende das relações instituídas pelo ser humano, em variáveis momentos históricos distintos e grupos sociais. É o que reforça Manuel Castells:

No que diz respeito aos atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(s) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. (CASTELLS, 1999, p 22).

Castells (1999) atenta ainda para a possibilidade de fundir os termos identidade com o que, segundo ele, os sociólogos chamam de papéis ou conjunto de papéis. Para o autor a identidade é fonte de significado e experiência de um povo construído por meio de um processo de individuação, enquanto que os papéis correspondem ao cumprimento de normas estruturadas postas pelas organizações sociais, como ser trabalhador, vizinho, militante social, jogador de basquete, exemplos de papéis citados pelo autor. Em suma, Manuel Castells afirma que a identidade organiza significados ao passo que os papéis organizam funções.

Que as identidades são fenômenos construídos é consenso entre muitos pesquisadores no âmbito das ciências humanas, os dilemas se situam em torno de como se dá essa construção e quais fatores sobre ela atuam, influenciam e por ela são influenciados. Para Kabenguele Munanga (1999) o processo de tomada de consciência das diferenças é o catalisador para o trajeto de formação identitária, o autor salienta que:

O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade, isto é, de cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc.. com os quais ele mantém relações ora dialéticas, ora excludentes, conceitos esses também envolvidos no processo de construção de uma educação democrática. Todos nós, homens e mulheres somos feitos de diversidade. Esta, embora esconda também a semelhança, é geralmente traduzida em diferenças de raças, de culturas, de classe, de sexo ou de gênero, de religião, de idade, etc. A diferença está na base de diversos fenômenos que atormentam as sociedades humanas. As construções racistas, machistas, classistas e tantas outras não teriam outro embasamento material, a não ser as diferenças e as relações diferenciais entre seres e grupos humanos. As diferenças unem e desunem; são fontes de conflitos e de manipulações sócio-econômicas e político-ideológicas. Quanto mais crescem, as diferenças favorecem a formação dos fenômenos de etnocentrismo que constituem o ponto de partida para a construção de estereótipos e preconceitos diversos. (MUNANGA, 1999, p. 4)

A diversidade só não deve servir de pano de fundo para o aumento das ações discriminatórias e extremistas que massacram a sociedade, a exemplo do racismo e da xenofobia fenômenos muitas vezes velados socialmente, que se camuflam sobre o discurso das diferenças. As diferenças existem, e, de fato, conviver com a multiplicidade, que é o outro, não consiste em uma tarefa das mais fáceis, das mais equilibradas. A diversidade, como nos sinaliza Munanga (1999), é matéria prima geradora de todos nós, enquanto sociedade e enquanto indivíduos. É dela e é nela que partimos para o processo de criação das nossas escolhas, das nossas identidades. O Brasil, um país tão plural, de matriz constituinte tão variada, composta por colonizadores europeus, índios, africanos, e ainda urge ascender na caminhada junto ao respeito e ao diálogo para compreensão das diferenças dentro de sua própria casa. Este talvez seja a principal identidade da qual todos devemos buscar: a valorização das diferenças e o respeito a diversidade.

Sobre a Identidade Cultural que os indivíduos constroem através das noções de pertencimento e representação, podemos afirmar que esta construção se encontra atrelada ao fio condutor da memória. A Irmandade da Boa Morte, por exemplo, só pode manter-se viva e resistente, ao passar do tempo, às intrusões externas de dominação ideológica, preservando sua identidade, por causa da memória, ou melhor, dizendo, das memórias. Essa confraria de fortes mulheres negras, afro-brasileiras devotas de Nossa Senhora mãe de Jesus, não é somente uma irmandade que busca representar dramaticamente a morte de Maria todos os

anos, mais sim, uma associação onde as mulheres pertencem a mesma causa, religiosa e/ou dogmática, mas partilham a mesma fé incondicional que faz com que elas (as irmãs), suas memórias e suas ancestrais revivam sempre em seus corpos e nos corpos que lhe forem sucessores e assim por diante.

### 3 CACHOEIRA CIDADE MEMÓRIA: O LÓCUS DA PESQUISA

Falar de Cachoeira é sempre um motivo de grande satisfação, por ser Cachoeira, depois de Salvador uma cidade baiana que possui maior destaque na História da Civilização Brasileira e detém os mais belos monumentos arquitetônicos do período colonial. As tradições e os feitos dos seus ilustres filhos enriqueceram o acervo cultural do Estado, sendo por todos os motivos considerada e declarada história e monumento nacional.

Jadson Luiz dos Santos, Prof. e Filósofo  
(Cachoeira III Séculos de História e Tradição, 2001)

#### 3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA CIDADE

A região do Recôncavo<sup>5</sup> Baiano tem como característica um contexto histórico de resistência ao escravismo e formação identitária do povo baiano e porque não dizer, brasileiro. Especificamente falando da cidade de Cachoeira, esta foi durante muitas décadas do período colonial até o final do século XIX a segunda cidade mais importante da Bahia, graças aos tempos áureos do lucrativo cultivo da cana-de-açúcar e fumo. Cidade tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico (IPHAN) em 1971, conhecida pelas ruas calçadas de pedras marcadas pelos trilhos de trem e pelos casarios coloniais, tem um patrimônio imaterial tão importante quanto pouco difundido.

---

<sup>5</sup> Recôncavo corresponde a um termo utilizado pela geografia e significa fundo da baía (lugar que tirou). Nesse caso a referência é a Baía de Todos os Santos. Fonte: Enciclopédia Livre Wikipédia, disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rec%C3%B4ncavo\\_baiano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rec%C3%B4ncavo_baiano)> Acesso em 14/10/2008





Figura 1 - Cidade de Cachoeira vista de São Felix. Estas cidades são separadas pela ponte D. Pedro II, sobre o Rio Paraguaçu, inaugurada no ano de 1885  
Foto: Lílian Queiroz / 2008

Situada há 110 km da capital baiana, com 403 Km<sup>2</sup> de território, Cachoeira possui limites com outras cidades do Recôncavo como ao Norte – Conceição de Feira, a leste - Santo Amaro e Saubara, e a oeste Muritiba, São Felix, Governador Mangabeira e Maragogipe (CASTRO, 2006). Mas a cidade de Cachoeira não nasceu com esse nome desde o início do seu povoamento. Primeiro o local ficou conhecido como Porto da Cachoeira, devido às primeiras pessoas que começaram a povoar o entorno da igreja de Nossa Senhora do Rosário, por volta de 1612 a 1621. Posteriormente, em 1674, foi criada a Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, com a contribuição dos Rodrigues Adorno, descendentes de Diogo Álvares Correa (conhecido também como Caramuru). Anos mais tarde, através da Carta Régia, em 1693, o desembargador Estevam Ferraz de Campos nomeou como Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu, o que nos dá uma idéia da importância econômica que a região começara a representar. Outro fator que alavancou o povoamento de Cachoeira foi à localização que favorecia o desdobramento econômico que despontava na época; entre a estrada para o Sertão e o Recôncavo as margens do Paraguaçu, com forte trânsito fluvial, tanto para mercadorias agrícolas quanto para escravos (SANTOS, J., 2001).

Segundo as informações oficiais divulgadas pela Prefeitura Municipal da cidade, com o status alcançado de maior cidade da província, não custou para que o

governo brasileiro voltasse-lhe também suas atenções. Em abril de 1826, D. Pedro I assinou a lei Imperial nº 64, fazendo com que a Vila fosse elevada à categoria de cidade, devido à importância econômica que alcançara, sob a denominação de Nobre cidade do Paraguaçu, mediante algumas exigências. Segundo o Imperador para a construção de uma ponte ligando Cachoeira a São Feliz, passando sobre o Rio, bem como a construção do Cais do Porto, criação de um Colégio Público no seminário de Belém e a criação da Santa Casa de Misericórdia. Anos depois, em 1837 mediante Lei Provincial nº 43 Cachoeira deixava definitivamente de ser Vila tornando-se a segunda maior Cidade do Estado da Bahia.

Jadson Luiz dos Santos (2001) nos conta ainda que Cachoeira hoje possui alguns distritos sob sua administração, são eles: Belém de Cachoeira, Santiago (São Thiago) do Iguape, São Francisco do Paraguaçu, Capoeiruçu, Boa Vista, Tupim, Saco, Pinguela, Murutuba, Alecrim, Boa Vista, Caonge, Calolé, Opalma, Terra Vermelha, Pé, Inácio, Tibiri, Taboleiro da Votória.

Terra de filhos ilustres reconhecidas como Teixeira de Freitas, Ernesto Simões, Ana Nery, Maria Quitéria, dentre tantos outros, Cachoeira desde o início do povoamento, no século XVI quando os portugueses firmaram a ocupação após inúmeros embates com os índios, até o auge do desenvolvimento econômico no século XVIII, é um lugar marcado por disputas, de terra, de poder e afirmação da identidade. Os portugueses lutavam pelo domínio dos engenhos, que já existiam nas margens do Rio Paraguaçu, enquanto os indígenas lutavam pra não perder seu território.

Ainda segundo Jadson Luiz (2001) e Aristides Milton (1979) o rio Paraguaçu era o principal acesso de escoamento de mercadorias, pelo viável trânsito fluvial e localização para as rotas de comércio, transportando produtos agrícolas como fumo, açúcar, feijão, farinha, milho e legumes por meio de barcos e saveiros. Paraguaçu vem do termo indígena 'peruassu' e quer dizer "o grande mar" ou ainda "grande rio" e é considerado o maior da Bahia, depois do rio São Francisco, com um curso de quase 540 km desempenhou ainda papel importante na fundação de Cachoeira. Pesquisadores e estudiosos especulam quanto ao nome legado a Cachoeira pelo fato do rio não exibir grandes quedas d'águas que oportunizassem a nomenclatura da cidade, o fato é que a denominação vem desde os tempos coloniais, e o mais provável é que o nome tenha sido dado por causa de uma pancada de água que caía a uma altura considerável perto da então Vila.

A cidade da Cachoeira, ou a “Heróica Cidade da Cachoeira”, como moradores mais antigos costumam se referir, tem hoje um dos mais extensos complexos de edificações coloniais e expressões culturais, indissociável da forte representação afrodescendente formadora da sua população, como ressalta o relatório do IPHAN (2005). Este Relatório ressalta ainda que Cachoeira vive uma contradição, acerca de sua realidade cultural, os estudos têm apontado para a disparidade existente entre a degradação e a falta de manutenção do seu patrimônio material (casarios, ruas, praças) e o fôlego que move a cidade durante as celebrações religiosas e de ancestralidade africana. No relatório do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional - IPHAN consta que:

Se grande parte da bibliografia aponta para a “decadência econômica” que viveu a cidade, não por acaso, outra parte aponta para a forte presença de “tradições” musicais e religiosas tidas como “originais” porque próximas da “ancestralidade” africana. Sua população, de ascendência africana diversa e variada, teve sua vida urbana cotidiana tensa e intensa, feita da interação entre muitos e variados grupos e camadas sociais, preservando, transformando e gestando processos e formas culturais originais, chamados muitas vezes a simbolizar a própria idéia de uma cultura baiana mais “autêntica” ou mais diretamente relacionada às relações ancestrais e tradicionais religiosas e festivas afro-descendentes e do catolicismo popular. (IPHAN, 2005, p.6)

É essa região notável histórica e culturalmente, que acolhe o legado da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte, uma celebração de fé e resistência que acontece desde o tempo que o Brasil ainda era sustentado pelo trabalho escravo. Essa manifestação simboliza a luta de um povo pela sua existência e tradição transmitida através das gerações, sobretudo via oralidade, e conseqüentemente, via memória.

E é justamente nessa linha tênue entre espaço geográfico e herança cultural que se encontra o corpo mediatizado pela oralidade e pela memória, na Irmandade da N. S<sup>a</sup> Boa Morte, bem como na maioria das manifestações de herança africana e popular. O corpo é a existência material que passa, perpassa e preserva os valores da cultura brasileira.

Já o processo de Independência do país alcançou forte atuação do povo cachoeirano, bem como de grande parte do recôncavo, tempos antes que famoso brado de D. Pedro “às margens plácidas do Ipiranga” pudesse ser entoado. Palco de

sangrentas batalhas em prol da resistência, não por acaso Cachoeira recebeu o epíteto de “Cidade Heróica”, devido ao histórico de resistência e luta evidenciada na cidade.

### 3.2 O QUE DIZER DO RIO: AS CHEIAS DO PARAGUAÇU

Muitos acontecimentos marcaram a história da Cachoeira, e até hoje repercutem nas marcas de sentido nas memórias dos cachoeiranos. Revoltas, guerras, a ascensão e queda econômica, disputa por posse de terras, a rota do mercado escravista, dentre outros. Alguns, em especial, marcam a cidade como se fosse a invasão de seu corpo geográfico e cultural. Elementos relevantes na história da Cachoeira que erguem a cidade e que, em muitos momentos, a fez verdadeiramente submergir.

A cidade é margeada e desenhada pelo rio Paraguaçu, as margens do qual cresceu e se desenvolveu. O rio, durante anos foi uma das grandes fontes de renda, ligação com a capital e o sertão, mas também foi uma fonte de tristeza e de perda de grande parte dos seus registros históricos. O professor Edivaldo Carneiro, popularmente conhecido como professor Carneirinho, nos relata de maneira emocionada as experiências pelas quais passou por causa das inundações:

Olha, é de tristeza, porque eu saí da minha antiga residência aqui na rua treze de maio por quatro vezes por causa de enchentes. Duas vezes eu fui pra Nazaré (...) e duas vezes eu fiquei na igreja D’ajuda. Então o problema é o seguinte: antes da Barragem Pedra do Cavalo, quando chovia nas cabeceiras, nós já temíamos por causa das águas que desciam em abundância e em virtude de não ter a barragem a água transbordava e quando continuava a chover a água ia subindo, essa subida pegava a gente de surpresa de formas que a última que nós tivemos aqui foi em 1989, a última e já tínhamos a barragem. Essa Barragem é de 1985, já tínhamos a Barragem foi falha humana, porque disse que iriam segurar muito a água e não esperavam que chovesse tanto, quando eles resolveram abrir as comportas eles tiveram que fazer logo de imediato e a água desceu demais e pegou todo muito... Posso dizer a vocês que o forro da minha casa ficou submerso, eu resido aqui (se referindo a sua residência que fica situada próxima às margens do Paraguaçu) Quando chegamos de Nazaré nós encontramos o forro todo em baixo. Aí o que nós fizemos, fizemos um sótão com dois metros a partir de onde a água foi no forro, pra que não nos pegue de outra vez. Graças a Deus, né? Que após essa de 89, os cuidados foram todos tomados, porque realmente constatou-se a falha humana e o quê que eles fazem? Quando eles observam que as águas tão

descendo muito de vários locais aqui, eles começam a abrir as comportas, duas, três comportas, uma comporta, e aí a água vai descendo e eles comunicam para que não fiquemos apavorados, porque eles simplesmente estão é (...) fazendo com que as águas desçam pra evitar as cheias, isso não quer dizer que futuramente não tenhamos até uma maior de todas, mas depois de 89 ficamos mais tranquilos, mas quando chove muito que as baronezas que indicavam a descida de água começam a descer aí nós ficamos ainda preocupados principalmente nós que moramos aqui bem próximos ao Rio, somos privilegiados, principalmente no verão quando a maré começa a encher, o vento ficam todos sentados até tarde na porta, tem um jardim ali ó, que é o nosso aconchego, mas também é de muita preocupação quando a água começa a descer. (Professor Carneirinho em entrevista concedida em 16/04/2009)

Esse episódio que nos narra emocionado o Professor Carneirinho se refere à última inundação sofrida pela cidade, mas certamente com a sucessão das enchentes anteriores, o povo cachoeirano teve que aprender a conviver e a contornar as dificuldades que vinham junto com elas. O corpo da cidade era completamente modificado e praticamente inabitável nesses períodos. Com isso, além de muitas moradias alagadas, moradores desabrigados e falecimentos, muitos documentos sobre Cachoeira foram perdidos. Os arquivos municipais da Cachoeira e da prefeitura não podem mais precisar a data da primeira inundação, mas a depoimentos que alegam haver enchentes desde o século dezesseis, na cidade.

Francisco José de Mello (2001) em seu livro História da Cidade da Cachoeira, narra dentre outros fatos, a seqüência das inundações e seus estragos á população cachoeirana. Segundo o autor além das enchentes se estenderem por um longo período de tempo, não tardavam a se repetir, numa freqüência de dois em dois ou três em três anos. Fazendo com que a população nem bem recuperada de uma já se deparasse inesperadamente com outra. A seqüência que mais castigou a cidade, escreve o autor, diz respeito aos anos de 1910, 1911, 1912, 1914, 1915, quando à invasão das águas do Paraguaçu teimavam em se repetir. Segundo Mello (2001), houve momentos em que as águas subiram tanto que chegaram a encobrir a Ponte D. Pedro II e se espalhar por toda cidade, destruindo casas e entristecendo a população que parecia não acreditar no que os olhos insistiam em ver.

Esse é um dos fatores ao qual se atribui o reforço à decadência econômica da Cachoeira. Assim como casas foram destruídas, o centro histórico dilacerado, o comércio local também não foi poupado. Ao passo que demoraria muito tempo pra

se reerguer, outros pontos comerciais iam se desenvolvendo no Estado, sobretudo com a decadência do ciclo do açúcar e da indústria do fumo (SANTOS, J., 2001).

Mello (2001) corrobora ainda o depoimento do Professor Carneirinho, referindo-se a falha humana citada por ele na inundação de 89, quando diz:

Essa inundação, que teria tudo para ser evitada, deveu-se a um ato político do Governo da época, ao demitir funcionários capacitados para contenção preventiva da inundação, com o controle das vazões da Barragem de Pedra do Cavalo, substituindo-os por pessoas leigas nesse tipo de operação, permitindo que a cidade fosse arrasada. As vítimas desse ato imperdoável foram levadas ao desespero. (...), muitas delas jamais puderam refazer-se dos prejuízos sofridos. (MELLO, F., 2001, p.140).

As marcas deixadas pelas inundações continuam por toda cidade. Apesar da trégua de mais de vinte anos, podemos ver vestígios dos dias difíceis pelos quais a cidade passou. Em alguns casarios antigos é possível ver, ainda hoje, a marca da umidade deixada pelas cheias a mais de dois metros do nível da rua. Em outros casos, é possível notar ainda as modificações que os moradores fizeram em suas casas para resistir às intempéries do rio, assim como o Professor Carneirinho nos relatou, modificações estas realizadas sob a orientação do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, o IPHAN, uma vez que muitas dessas residências são tombadas e, portanto, qualquer alteração tem que ser autorizada pelo IPHAN.

A cidade da Cachoeira transpira seu contexto histórico-cultural e esse elemento, constantemente presente em cada trecho da cidade, em cada rua, em cada casario, em cada prática cultural, em cada morador, em cada parte desse vasto corpo cultural é o que faz com que as peculiaridades deste lugar sejam distintas de qualquer outro espaço geográfico, configurando assim uma identidade territorial moldada por luta, resistência, ancestralidade, religiosidade e herança cultural. Dentro dessa perspectiva, das características e elementos inerentes a cidade da Cachoeira, destacamos o Rio Paraguaçu, pois, ao perceber que um elemento aparentemente de caráter puramente geográfico, tem muito a discorrer sobre a cidade e seus fatos históricos, conforme ressalta o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

Tomando como exemplo Cachoeira, isso fica particularmente evidente ao lembrarmos do rio Paraguaçu. O rio, um elemento do ambiente físico, foi um elemento decisivo na forma de ocupação do território, tendo desempenhado um papel fundamental na

configuração das relações que se estabeleceram sobre esse espaço, transformando-o em território. No outro sentido, esse elemento do ambiente físico, por sua vez, sofreu diferentes alterações, sejam reais ou em termos de representação e significado, para atender a diferentes objetivos das práticas sociais de diferentes grupos que ali se estabeleceram, desde a construção de armazéns e aterros nas margens, organização de “pontos” de canoieiros, até o seu caráter sagrado para o povo-de-santo da Cachoeira. Essa dialética dos elementos do espaço como atores e objetos na configuração das relações sociais na Cachoeira não deve ser deixada de lado. (IPHAN, 2005, p. 11)

Tratamos desse aspecto da cidade, com certa relevância, devido a relação que as práticas culturais, nela residentes, tem com o espaço urbano. As cheias nos levam a refletir que houve um momento na cidade, ou melhor, vários momentos na cidade nos quais as cheias ocorreram, onde eram primordiais a reconstituição dos bens materiais e reconstrução do cotidiano, e não, a manutenção da vida cultural, por assim dizer. No entanto refletimos também que, embora a preocupação dos moradores da cidade fosse com sua reconstrução e com a adoção de uma nova lógica de sobrevivência, a fim de superar os momentos de dificuldade, o patrimônio imaterial da cidade permanece, como se os braços das cheias não pudessem alcançar essa parte da Cachoeira, não por se encontrarem longe dos locais de enchente ou por serem também imateriais, mas por conseguir manter-se primeiro nas pessoas que ali reside e depois no lugar que ocupam.

Nesse sentido, falar do Rio Paraguaçu é falar da história da Cachoeira, a maneira como a cidade foi se edificando e construindo seus saberes, sua configuração política, econômica e histórica, enfim, todas as matizes dessa construção cultural identitária que resistiu ao passar dos tempos e persiste até hoje, é o que o rio Paraguaçu, na verdade, tem a nos dizer.

### 3.3 FESTAS RELIGIOSAS E CÍVICAS: AS PRÁTICAS CULTURAIS DA CIDADE

A Irmandade da Boa Morte, embora uma das mais significativas Irmandades Negras do Brasil que ainda mantém sua história de fé e resistência, esta referenciada inclusive internacionalmente, não é a única celebração cultural sediada

na Cidade da Cachoeira. Atividades que anteriormente estavam conectadas as práticas econômicas do lugar, configuram ainda hoje herança cultural e atividade de subsistência para muitos cachoeiranos.

Nesse sentido, cabe visibilizar, do ponto de vista das práticas culturais, como estas se relacionam em seus sistemas de ações (ou seja, em que consiste cada uma) e sistemas de objetos (o que é produzido por cada prática cultural), nos devidos termos de Milton Santos (2006). Em outras palavras, como os objetos e sujeitos que constituem o espaço, arranjados em um sistema, estão ligados às ações humanas que atuam sobre esse espaço, transformando-o em lugar e configurando assim um território vivido de práticas que se convertem em módulos de identidade cultural.

Segundo Jadson Luiz dos Santos (2001), é possível dividir as celebrações culturais existentes na Cachoeira em dois grandes eixos: celebrações cívicas e religiosas. O autor destaca a comemoração do dia 25 de junho, data magna para cidade, momento onde se recorda a vitória dos cachoeiranos na luta pela independência brasileira, quando há desfiles das filarmônicas, das escolas públicas e particulares, celebrações na Igreja Matriz, comemorações. A cidade se une a São Félix para o desfile do carro do Caboclo, que acontece no dia 27, e, após o desfile, o Caboclo permanece em Cachoeira até o dia 2 de julho. Atualmente, no dia 25 de junho, a sede do Estado da Bahia passa a ser administrada em Cachoeira, em reconhecimento aos feitos históricos do povo cachoeirano. Outra data cívica importante a destacar, na cidade, é o 13 de março, momento no qual é lembrada a elevação de Vila à categoria de Cidade da Cachoeira (que ocorreu no ano de 1837), quando costuma acontecer uma celebração na Igreja Matriz e uma sessão solene na Câmara municipal.

Falando sobre as comemorações de caráter religioso, a considerar o número de igrejas e “casas de santo”, como os cachoeiranos se referem aos terreiros de candomblé, existentes na cidade, este já seria por se só, um fato a se considerar. Como nos diz Jadson Santos (2001):

As festas religiosas da Cachoeira são grandiosas e tradicionais e merecem destaque os rituais da Semana Santa quando acontece a procissão de Ramos, Senhor dos Passos, Senhor Morto e Senhor Ressuscitado, data móvel. Corpus Cristi à semelhança das festas realizadas em Salvador, as comemorações de Corpus Cristi são levadas a efeito na cidade de Cachoeira, com missa solene, bênção



do Santíssimo Sacramento e procissão pelas ruas de Cachoeira, é uma bela festa religiosa que acontece no calendário móvel. Nossa Senhora da Boa Morte e da Glória realizada na primeira semana de agosto, a festa da Nossa Senhora ad Boa Morte e Glória acontece com um tríduo religioso, missa festiva e procissão pelas ruas. (SANTOS, J., 2001, p. 71).

Com esse relato, traçamos um panorama geral acerca das festividades, cívicas ou religiosas na cidade da Cachoeira. No entanto, o relatório apresentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, o IPHAN (2005), estabelece uma separação entre as práticas culturais realizadas em Cachoeira e proximidades por categorias e localidades conforme a disposição a seguir:

Categoria	Prática Cultural	Localidade
Saberes	Cultivo de farinha/Casa da Farinha	Belém
	Cultivo de dendê	Iguape
	Charuteiras/Chapeadeiras	Centro Urbano
Celebrações	Irmandade da Boa morte	Centro Urbano
	Festa da Ajuda	Centro Urbano
	Festa de 25 de junho (Independência)	Centro Urbano e Iguape
Formas de Expressão	Bandas Filarmônicas	Centro Urbano
	Samba de Roda	Centro Urbano e Iguape
	Esmola cantada	Iguape
Lugares	Mercado Municipal e feira anexa	Centro urbano
	Terreiros e igrejas	Centro urbano, Iguape, Belém

Quadro nº1 - Relatório de práticas culturais – Fonte: IPHAN 2005

Cada atividade acima mencionada e distribuída em categorias constitui um braço das atividades culturais da cidade da Cachoeira e região, encontram-se alocadas respectivamente onde consiste sua maior expressividade, além de evidenciar a ligação entre a realização das práticas culturais e o espaço urbano da cidade e redondezas.

Tendo em vista a gama de atividades residentes na Cachoeira e região, notamos ainda a Irmandade da Boa Morte, que em particular nos chama atenção neste estudo por trazer a memória uma história representativa da resistência negra, atualmente, bastante registrada, a ponto de oportunizar o potencial turístico da cidade e do Estado no tocante aos atrativos culturais, com muita divulgação fora do país, inclusive. Como salienta Armando Castro (2006):

As irmãs da Boa Morte se configuram como “garotas-propaganda” da atividade turística do Estado. Simbolizam e sugerem a riqueza e a diversidade cultural como elementos de alta atratividade para o turismo cultural. Os esforços governamentais na área de promoção da Festa da Boa Morte – vídeos e folheteria – colaboram com a turistização da Festa da Boa Morte, uma vez que foram destinados aos principais centros emissores nacionais e estrangeiros. (CASTRO, 2006, p.105).

Notadamente, a Irmandade representa hoje uma história que extrapola os limites territoriais da Cachoeira contadas através das ruas por onde deslizam as procissões, casas por onde fixou residência, igrejas e capelas onde realizou suas celebrações, nas irmãs integrantes e nos cachoeiranos que complementam a celebração da vida, da luta, da resistência e da dinâmica cultura que resiste ao longo dos tempos. Dessa maneira, conceber hoje que uma manifestação cultural da riqueza que representa a Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira, poderia ter deixado de existir, parece-nos incoerente, porém como destaca Luiz Cláudio Diaz do Nascimento (1999), este fato esteve próximo de se confirmar devido a disputas de interesses políticos e religiosos:

Na década de 1980 a Irmandade da Boa Morte estava em vias de desaparecimento. Órgãos Oficiais baianos ligados à área de cultura e turismo interferiram no sentido de resgatá-la. Aos poucos a Irmandade passou a depender do interesse turístico, principalmente quando grupos americanos começaram a financiar a festa anual e impor-lhe caráter político. Os meios de comunicação também passaram a se interessar fazendo coberturas jornalísticas de abrangência nacional, atraindo outros seguimentos turísticos. Esses fatores feriram os brios da Igreja que só nesse momento percebeu a autonomia da Irmandade. (NASCIMENTO, 1999, p. 28).

A Irmandade chegou a ser impedida pela Igreja Matriz, onde eram realizados os cultos até então, de celebrar sua fé dentro do espaço católico, ocorreram várias intervenções de Jorge Amado que em 1995 escreveu uma “carta aberta aos poderosos”, publicada na Folha de São Paulo, intitulada “Tomo da Cuia de Esmoler” (CASTRO, 2006, p.105), na qual solicitava a reforma da atual sede das irmãs, segmentos do Movimento Negro nacional e até internacionais, ainda a esposa de Luther King, Bárbara King, demonstram o alcance da causa das Irmãs de fé. O quadro de perseguição religiosa, sofrido pelos antepassados africanos, foi revivido pela Irmandade nesse período. Depois de muita intolerância a Irmandade conseguiu fixar sua residência e com seu casario reformado, abriga agora sua própria capela, memorial e local para celebrar seu culto bem como compartilhar e distribuir os alimentos que integram os ritos da celebração.

Entendemos aqui a Irmandade da Boa Morte em Cachoeira como o corpo significativo e representativo do lugar. Como corpo que é lugar da memória, da resistência e da fé das integrantes, dos colaboradores e dos apreciadores da confraria. A Irmandade tem seu corpo histórica e esteticamente inscrito na cidade. Mesmo não sendo originária da Cachoeira, mesmo percorrendo sedes para se firmar no território cachoeirano<sup>6</sup>, a Irmandade demonstra hoje uma relação com a cidade, a partir de uma celebração que inicia fora de lá, mas que adquire este significado histórico lá. Por isso, a relevância de pensar o lugar como mecanismo de

---

<sup>6</sup> Ao chegar a Cachoeira, a Boa Morte fixou sua residência numa casa simples, situada à Rua Nery, 41 – posteriormente, conhecida como Casa Estrela, numa alusão a estrela desenhada em granito no passeio em frente à porta. (...) Semelhante ao ocorrido em Salvador, quando as irmãs distribuíram terreiros pela cidade a partir da casa nos arredores da Igreja da Barroquinha, a Casa Estrela serviu como um dos principais terreiros disseminadores das práticas religiosas africanas pelo Recôncavo. Atualmente, com sede em um casarão do século XIX, a Irmandade da Boa Morte é composta por 22 senhoras negras, que circulam livremente, e com muita naturalidade, no mundo religioso católico e naquele do candomblé. (CASTRO, 2006, p. 51)

interpretação da cultura e por isso pensar na cultura e suas relações inerentes ao espaço que ocupa como mecanismos de entendimento da existência humana. Por isso, entender a Irmandade da Boa Morte enquanto símbolo de compreensão da Cachoeira, por reunir elementos de âmbito corporal, sócio-cultural, histórico suficientes que oportunizam reconhecer a cidade através da Irmandade e, por sua vez, a Irmandade por meio da cidade, numa relação dialética e, por conseguinte, crítica, dessa realidade.

## 4 IRMÃS DE CORPO: IDENTIDADE E CULTURA NO RECÔNCAVO BAIANO

A irmandade da Boa Morte foi surgida nas senzalas de negros alforriados pelas escravas e hoje a descendência das escravas vive cultuando fazendo seu trabalho que sempre foi a ritualidade da irmandade.

Anália da Paz dos Santos  
Integrante da confraria em depoimento  
ao documentário "Eu Vi Boa Morte Sorri".

A Irmandade da Boa Morte é uma manifestação na qual se encontram elementos relevantes da cultura afro-brasileira. A devoção religiosa a Nossa Senhora, marcada pelo sincretismo de um culto originariamente cristão-católico, o seu caráter processional, como se todos fossem brindados a participar dessa celebração, que é composta por culto e reverência aos ancestrais, as danças representadas pelo conhecido samba de roda e pela valsa, o alimento que é compartilhado com quem quiser compartilhar, mas, sobretudo a união dessas mulheres em prol da continuidade de uma fé, historicamente constituída, que marca e identifica o Recôncavo Baiano como um todo, além de contribuir para a constituição da identidade nacional.

### 4.1 SOBRE AS IRMANDADES: FORMAÇÃO E LEGADO

Etimologicamente falando, a palavra Irmandade<sup>7</sup> se refere a uma instituição, regida por princípios religiosos comuns, fundada por pessoas que se comprometem realizar, em conjunto, práticas caritativas e assistenciais, fundamentos que quase não se modificaram ao longo dos tempos.

A história das Irmandades segue uma tradição secular. Estima-se que desde meados do século XIII em Portugal, as confrarias religiosas já se dividiam principalmente em irmandades, que veneravam coletivamente seus santos protetores e ordens terceiras (franciscana, dominicana, carmelita), cultivando o

---

<sup>7</sup> Segundo dicionário Aurélio Século XXI, a palavra Irmandade significa: associação de caráter religioso; confraria; ou ainda, União ou intimidade fraternal; confraternidade.

hábito de acolher e assistir tanto aos seus membros quanto a pessoas carentes que oficialmente não fizessem parte. Sendo assim, segundo João José Reis:

As Irmandades tinham dessa maneira a função implícita de representar socialmente, se não politicamente, os diversos grupos sociais e ocupacionais da Bahia, Na ausência de associações propriamente de classe elas ajudavam a tecer solidariedades fundamentadas na estrutura econômica (...). (REIS, p.53, 1991).

Havia irmandades de músicos, militares, imigrantes, portugueses brasileiros e lugar para todas as representações sociais que tivessem necessidade, todas com suas relações hierárquicas pré-definidas, seguindo a ordem dos mais antigos, ou dos mais nobres, ou dos mais religiosos e assim por diante.

A divisão pela cor de pele era outro fator relevantemente presente. Brancos, pretos e pardos, camuflavam outro tipo de divisão que consistia em portugueses, escravos (ainda que alforriados) e mestiços brasileiros uma maioria que começava a se firmar no Brasil do início do século XX, conforme Reis (1991). É bem verdade que, a depender dos costumes e necessidades dos indivíduos poder-se-ia fazer parte de mais de uma irmandade. Existia a questão do gênero que configurava outro ponto de referência para constituição das determinadas confrarias.

Renato da Silveira (2006) faz uma espécie de cronologia a respeito da fundação das irmandades ao afirmar que “a primeira confraria portuguesa, de ferreiros e profissionais afins, foi fundada em 1229” e que ao falar sobre as irmandades africanas em terras lusitanas, Silveira afirma que “A primeira irmandade africana em terras portuguesas foi fundada na virada do século XV para o XVI. Escravos africanos vinham sendo importados desde meados do século, e, àquela altura, já eram bastante numerosos (SILVEIRA, 2006, p.136)”.

Desta maneira, os escravos africanos foram ocupando gradualmente espaços entre as irmandades dos brancos, organizando-se, buscando não serem convertidos pelas crenças de herança portuguesa e principalmente sem autoridade nas tomadas de decisões nas irmandades. Mas aos poucos, assim como em Portugal, no Brasil os escravos africanos procuravam ocupar seus espaços e conforme suas origens e grupos étnicos dos quais faziam parte em sua terra natal.

Segundo Reis (1991), as irmandades de escravos africanos dividiam-se conforme suas respectivas etnias de origem, a exemplo dos angolanos, jêjes, Kêtus

e nagôs, como modo de criar uma resistência a dominação colonial, e manter uma unicidade dentro de um grupo, conservando seus cultos e princípios herdados dos ancestrais (como oferendas, festas e procissões). Ainda assim, durante muito tempo as irmandades foram o principal meio de propagação do catolicismo e o sincretismo religioso não demorou a se caracterizar.

Embora muitas sejam desconhecidas da maioria da população de dentro e de fora da cidade de Cachoeira, existem várias irmandades, entre as quais podemos citar: Irmandade da Santa Casa de Misericórdia; Congregação do Santíssimo Sacramento; Irmandade do Rosarinho; Irmandade de Bom Jesus dos Martírios dos Pobres; Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Monte; Irmandade da Ordem IIIª do Carmo; Irmandade de São Benedito, entre outras (SANTOS, J., 2001).

Dentre as Irmandades mais antigas do país, destaca-se a Irmandade da Boa Morte, que data das primeiras décadas do século XIX, surgida nas proximidades da Barroquinha e assentada atualmente na região de Cachoeira. Hoje parece difícil conceber que a adoração a Morte e Assunção de Nossa Senhora da Glória, conservado por irmãs muitas vezes de “Santo”, tenha se iniciado na igreja da Barroquinha em Salvador. Assunção porque segundo as devotas de Nossa Senhora, a Santa dormiu na terra e acordou ao lado do Senhor Supremo, teve, portanto, uma passagem tranqüila, logo uma Boa Morte, como nos contam as irmãs.

Luiz Cláudio Dias do Nascimento (1999) chama atenção para o fato de que cultuar Nossa Senhora da Glória sempre foi prática recorrente na Bahia, nas diversas irmandades espalhadas pelo território baiano. O historiador fala que:

O culto á Nossa Senhora d’Agosto ou da Glória e Boa Morte era Popular na Bahia. Em Salvador, várias irmandades, em várias igrejas, realizavam festejos de 13 a 15 de agosto, dias no calendário católico consagrados à morte e assunção da Virgem Maria. Uma delas era a irmandade da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho, fundada por angolanos. No final do século XVIII, presumivelmente, essas africanas de Ketu tomam para si a realização dessa festa e mais tarde se constitui num “corpus” ou grupo feminino, transferindo a seguir o culto para a igreja da Barroquinha dos nagôs da irmandade do Senhor dos Martírios, unindo-se ao seu corpo feminino. (NASCIMENTO, 1999, p.13).

O Historiador cachoeirano nos conta que um grupo de mulheres libertas e abastadas financeiramente, residentes na Barroquinha e proximidades, se reuniram informalmente para cultuar a religião dos descendentes africanos, disfarçados de

culto católico a Virgem Maria. Segundo Luiz Cláudio (1999), mais tarde quando a perseguição católica se acirrou, as irmãs fundaram, numa casa aos fundos da igreja da Barroquinha um local de culto aos orixás em homenagem a Xangô, o chamado Iyá Omi Axé Ayrá Intilè<sup>8</sup>, ou sucintamente Ayrá Intilè.

Muito se conjectura acerca de como a Irmandade da Boa Morte conseguiu aportar na cidade de Cachoeira. Historicamente, têm-se formulado algumas hipóteses. Perseguição eclesiástica, exigências para integrar a confraria, escassez de documentação, roubo de registros históricos, falta de uma sede própria - durante muitos anos (até 1995, segundo Castro, 2006), questionamento quanto à confiabilidade dos relatos orais, localização estratégica da cidade sendo muito utilizado o porto cachoeirano para tráfico dos escravos, são fatores que demonstram o quanto é complicado precisar como se deu essa transição. Ainda assim, irmãs mais antigas afirmam que, segundo suas antepassadas, a irmandade se deslocou de Salvador e foi pra Cachoeira, devido à perseguição da igreja católica, bem como o processo de luta pela independência do Brasil.

Ainda, segundo Luiz Cláudio (1999), que ao fazer uma espécie de arqueologia do candomblé atrelado às celebrações da Boa Morte, afirma a vinda da Irmandade da Barroquinha para Cachoeira, seguindo o deslocamento da casa de cultos Ayrá Intilè criada na Barroquinha:

O Ayrá Intilè depois de percorrer algumas localidades soteropolitanas fugindo da perseguição das autoridades da igreja, acabou se fixando no bairro de Vasco da Gama com o nome de Ilê Iyá Nassô Oká (nome que reverencia uma de suas fundadoras, no território conhecido hoje por Casa Branca, dele originando mais dois terreiros baianos: o Axé Opô Afonjá, em São Gonçalo do Retiro, e o Ilê Iya Omim Massê, no Gantois. O Bogum, fundado num antigo núcleo residencial formado por africanos jêjes no atual bairro do Engenho Velho, não sofreu as mesmas perseguições; no entanto as transformações urbanísticas recentes no local reduziram consideravelmente o território sagrado, prejudicando as práticas culturais do “terreiro”. Em compensação, na época da expansão da Irmandade da Boa Morte para o recôncavo, esse terreiro também se expandiu para cachoeira, onde a Boa Morte se instalou, mantendo suas características ainda hoje preservadas (...). Presumivelmente é por volta de 1820 que a Irmandade da Boa Morte se expandiu para o Recôncavo, se instalando na então vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Embora

---

<sup>8</sup> Segundo Luiz Cláudio Dias do Nascimento, em entrevista a essa pesquisa, esses termos referentes a entidades cultuadas e nomenclatura dos terreiros são de origem yorubá e não possuem uma tradução correspondente em português.



sediada em Cachoeira, os seus membros eram moradores de várias localidades do Recôncavo, principalmente de freguesias pertencentes a seu termo. Cachoeira, portanto, era o local onde se realizavam os festejos anuais porque era uma vila que dispunha de várias igrejas, era uma paróquia populosa e desenvolvida.  
(NASCIMENTO,1999,p.14)

Com a dinâmica de deslocamento, acompanhada de desdobramento e crescimento dos terreiros de candomblé, houve uma expansão da fé de herança africana na Bahia, de várias denominações. Conseqüentemente, conforme análise do historiador, membros remanescentes e descendentes da irmandade iniciada na Barroquinha, em Salvador, por motivo de manutenção da fé nos orixás, escapando assim da perseguição religiosa, foram parar no Recôncavo baiano. Sobre o deslocamento da Irmandade, que perdurou ainda dentro da cidade da Cachoeira, Nascimento nos diz ainda:

os atos litúrgicos originais da Irmandade de cor da Boa Morte eram realizados na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, templo tradicionalmente freqüentado pelas elites locais. Posteriormente as irmãs transferiram-se para a Igreja de Santa Bárbara, da Santa Casa da Misericórdia, onde existem imagens de Nossa Senhora da Glória e da Boa Morte. Desta, mudaram-se para a bela Igreja do Amparo desgraçadamente demolida em 1946 e onde hoje se encontram moradias de classe média de gosto duvidoso. Daí saíram para a Igreja Matriz, sede da freguesia, indo depois para a Igreja da Ajuda. (Luiz Cláudio Dias do Nascimento em depoimento concedido em 17 de novembro de 2009)

Na cidade da Cachoeira, ao que podemos observar durante a pesquisa, a irmandade encontrou o lugar para pousar seu corpo múltiplo (quer seja de origem jêje, Kêtu ou nagô, representantes das nações africanas trazidas forçosamente para o Brasil), entendendo o lugar enquanto espaço praticado e experienciado pelo corpo. Dessa maneira, o solo cachoeirano mostrou-se oportuno político, econômico e socialmente, a considerar a vitória sobre as perseguições, para recepcionar outra configuração da Irmandade da N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Boa Morte, acolhendo assim, o vasto repertório adquirido por conta da herança ancestral.

#### 4.2 A MULHER NEGRA E A HIERARQUIA NA IRMANDADE

A Irmandade da Boa Morte é composta exclusivamente por mulheres, que são negras e afro-brasileiras de mais de cinquenta anos, que em geral compartilham

da mesma fé (no caso o candomblé), sem a qual a crença dessas mulheres não teria suportado o passar dos tempos.

A confraria secular que hoje se encontra sediada na cidade de Cachoeira compõe um ritual que inclui procissões, missas (embora a Irmandade não possua nenhum vínculo oficial com a Igreja Católica), vigílias, ceias e o samba de roda. Também de herança portuguesa, conforme Lody (1981) e Reis (1991), esses rituais tem se repetido e passado de gerações em gerações pelas próprias Irmãs, numa hierarquia defendida e respeitada pelas mulheres integrantes da Irmandade.

Desde o tempo da escravidão, como nos relatam as irmãs, as mulheres negras sejam nas senzalas ou alforriadas, reuniam-se para lutar pelo fim da escravatura, prestar assistência aos seus irmãos feridos na labuta e rezar pelos que morreram na luta. Nessas ocasiões, as irmãs prometeram que, com o fim da escravidão iriam comemorar todo o ano a Morte e a Assunção de Nossa Senhora.

O tempo passou e a promessa feita pelos ancestrais das Irmãs vem se cumprindo a cada ano, passando de corpo para corpo. Não se pode afirmar se a mesma irmandade fundada na Bahia, na Igreja da Barroquinha, Reis (1991), é a que se encontra representada pelas irmãs em Cachoeira, tendo em vista ausência de documentação que comprove tal feito, entretanto se pode notar que a Festa da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira é a identidade que a cidade construiu, e para o olhar externo de quem não integra esta comunidade cachoeirana é cada vez mais evidente essa identificação.

No entanto, para reger essa série de elementos que compõem os rituais de culto e devoção a Nossa Senhora, é necessário existir uma estrutura administrativa e, ao mesmo tempo hierárquica na qual as tarefas, deveres e obrigações pertinentes a cada membro que constituem a celebração e fazem com que a festa continue a se propagar ao longo dos tempos.

Todos os cargos que a Irmandade congrega podem ser exercidos por qualquer uma das irmãs, conforme nos relatam as Irmãs Agda, Anália e Lindaura em depoimento, o que proporciona certa rotatividade nos papéis desempenhados, desde que estejam dispostas a cumprir os ritos necessários a alcançar cada cargo e ao cumprimento de cada rito, como isolamento e abstinência sexual, por exemplo, que podem anteceder o cerimonial e reverência às divindades e aos santos.

Os preparativos da festa começam a serem pensados, um ano antes da festa seguinte. Através do voto, as irmãs definem a quem irá pertencer à direção do

próximo festejo. Geralmente, para uma irmã chegar ao cargo de Procuradora Geral, por exemplo, é necessário que ela já tenha participado de todos os outros cargos integrantes da irmandade. Há ainda o cargo de maior destaque, o de Juíza Perpétua, responsável pela administração da Irmandade, concedido à irmã mais idosa adepta da confraria. Abaixo desses supracitados estão ainda os cargos de Provedora, Tesoureira, Escrivã e o mais inicial de todos que é o de Irmã da Bolsa, no qual a candidata deve prestar serviços para a irmandade durante três anos nos quais a sua conduta será avaliada para confirmar o seu ingresso caso esteja apta a exercer as funções inerentes ao cargo. Depois de aceita, a irmã da bolsa poderá vir a ocupar algum cargo de diretoria, e mudar de cargo a cada três anos ascender na hierarquia da irmandade.

Portanto hierarquicamente, de modo ascendente em escala temporal, temos a Irmã de Bolsa, a Escrivã, a Tesoureira, a Provedora, a Procuradora Geral e a Juíza Perpétua. A eleição segue o modelo tradicional de contagem dos grãos de feijão e de milho onde o primeiro grão anuncia um voto rumo à aceitação da irmã em um novo cargo na confraria e o segundo indica uma posição contrária, utilizando o sistema de contagem, no qual são observados alguns critérios, tais como a senhoriaidade, ter acima de quarenta anos, serem “irmãs de santo”, ou seja, adeptas e/ou vinculadas a alguma casa de candomblé, ter parentes ligados a irmandade, o comportamento das irmãs no período dos três anos de prestação de serviços à Irmandade e todo esse processo de eleição bem como o de manutenção das festividades envolve todas as integrantes da Irmandade. Como descreve Lody (1981):

As irmãs participam ativamente de todos os trabalhos, funcionando na cozinha, preparando as ceias que são servidas após as procissões, também arrecadando em pedidório material necessário ao culto. Todas as irmãs, mesmo aquelas que ocupam cargos, são chamadas e conhecidas como Empregadas de Nossa Senhora. A escolha do grupo responsável pelas festas poderá repetir-se, não havendo nenhum comprometimento em serem as mesmas irmãs no grupo responsáveis pela festa do outro ano. Em virtude da Irmandade ser muito reduzida, há um freqüente revezamento de cargos e muita repetição de tarefas. A Juíza ou Provedora é caracterizada pelo uso de um bastão hierárquico, que porta com muita gala e dignidade de um porte majestoso e senhorial que nessas Irmãs sempre tiveram observação e respeito das outras Irmandades e da comunidade em geral. (LODY, 1981, p. 12)

Outro ponto a destacar é quando as irmãs falam a respeito de integrar a confraria, é notável que a ligação que se estabelece entre elas é para além de qualquer vínculo de parentesco. A noção de parentesco na irmandade é notada em uma expressão de fronteiras mais largas que as usualmente conhecidas por quem não integra nenhuma confraria. O parentesco não é somente observado pelos fatores biológicos e sanguíneos, e isso nos remete a ligação que os negros trazidos da África buscavam traçar entre si, onde não, necessariamente, se conheciam, pertenciam, ou não, a mesma nação (jêje, Kêtu ou nagô), mas que, ainda assim, buscavam elementos em comum, a fim de se fortalecerem nas senzalas brasileiras. Primeiro, para sobreviverem e, depois, para resistirem às mazelas escravistas às quais eram submetidos. Elas alcançam a mais extrema instância da palavra irmandade, numa lógica que revive a resistência dos antepassados africanos sempre que reverenciados. A força da mulher negra, cuja garra moveu escravos, senzalas e quilombos, é reconstruída em cada integrante, através dos rituais da Irmandade da Boa Morte.

Embora todas as funções possam transitar por todas as integrantes da Irmandade, o cargo de Juíza Perpétua sempre tem destaque. Sobre o cargo de maior notoriedade na Irmandade da Boa Morte e suas atribuições, Armando Castro (2006) afirma:

A juíza perpétua – cargo máximo – é a guardiã dos mistérios, segredos, princípios e organização da Irmandade. Tem autonomia suficiente para reprovar uma comissão, exonerar uma irmã que tenha desrespeitado gravemente a instituição ou alguma de suas irmãs. Atualmente, este cargo é ocupado pela Irma Estelita. Nascida em 1906, Estelita Silva Santana é hoje a Irmã com maior tempo de permanência na organização. (CASTRO, 2006, p.54).

O cargo de maior representação na Irmandade é ocupado pela irmã que mais tempo integra a confraria e que, não necessariamente coincide em ser a mais idosa, como é o caso atual. Existem ainda, mapeada nos anos de atuação dessa pesquisa – 2008 e 2009, uma função extra na qual algumas integrantes que se dispõem e se revezam a ocupar o espaço do memorial dedicado a Irmandade durante todo o ano, para acolher os visitantes e interessados, contar às histórias que envolvem a confraria, falar da celebração e angariar contribuições para a manutenção da

próxima festa. A irmã Estelita Silva Santana continua sendo a juíza perpetua da Irmandade, hoje no ano de 2009, com 103 anos de idade.

As irmãs se reúnem para celebrar a morte e a vida numa reverência a fé e a herança africana revisitada por essa manifestação cultural que reúne passado e presente no tempo presente da história. Os antepassados são lembrados, as irmãs falecidas são lembradas, a união das mulheres que dão vida e lugar a essa fé é celebrada e somos todos convidados a compartilhar e apreender com a ressignificada devoção de nascente ancestral onde a mulher negra desenvolve até hoje um papel de alicerce que estrutura uma ponte que encontra o passado e o futuro, ou como contam as irmãs Lindaura e Agda o “Ayiê” e o “Orun”, esse e o outro mundo, a vida e a relatividade da morte.

A Irmandade já foi deveras numerosa, há relatos que afirmam já ter existido cerca de mais de duzentas integrantes, Reis (1991). No ano de realização dessa pesquisa (2008), apurou-se que vinte e duas irmãs oriundas não somente de Cachoeira, mais também de outros municípios do Recôncavo Baiano como São Felix, Belém (distrito da Cachoeira), Governador Mangabeira, Maragojipe e Muritiba, integram a confraria.

#### 4.3 O CICLO DAS FESTIVIDADES DA IRMANDADE DA BOA MORTE

As festividades da Irmandade da Boa Morte sempre ocorrem na primeira quinzena do mês de agosto, mês que segundo o calendário católico<sup>9</sup> é dedicado a homenagens a Maria, e seguem um ritual estabelecido que consiste em reviver, numa espécie de interpretação, a Assunção de Maria e renovação da fé das integrantes da confraria. Existem ainda, de maneira paralela, os ritos ligados ao candomblé que são realizados de maneira reservada aos olhares externos e que são de igual importância para continuação desta celebração.

As mulheres da Irmandade começam a se preparar para as festividades com um ano de antecedência e a celebração dura mais do que se pode apreender pelo

---

<sup>9</sup> Segundo Raul Lody (1981), observada a Irmandade da Boa Morte numa leitura de origem mais remota, colocamos seus fundamentos na própria instituição da assunção de Nossa Senhora pela igreja no dia 15 de agosto, a elevação ao céu em corpo e alma da Virgem Mãe. A tradição e fé vêm do Oriente, sendo imediatamente adotadas no século VII em Roma. No século IX, a festa da Assunção de Nossa Senhora encontra-se praticada em todo o mundo católico Ocidental. No Brasil, em especial Salvador, relatos do século XIX situam a grande participação popular nas homenagens a Nossa Senhora, sua morte e assunção. (LODY, 1981, p.7)

senso de observação. Cada aspecto das festividades, como o vestuário, a ceia as procissões, tem um motivo ao qual representa e uma razão para compor a manifestação. O historiador cachoeirano Luiz Cláudio Dias do Nascimento, conhecido popularmente em Cachoeira como Cacau nascimento, possui uma relação pessoal com o candomblé, ampla pesquisa no que diz respeito à cidade da Cachoeira e discorre sobre a ligação da Irmandade com a significação extraída do candomblé:

O primeiro dia é uma missa pelas irmãs que não tiveram a sorte de uma boa morte, ou seja, aquelas que morreram escravas. O segundo é para aquelas falecidas, que tiveram boa morte, morreram livres. O terceiro dia é o dia da morte de Maria que é uma procissão, um cortejo fúnebre que elas chamam de 'procissão do enterro', seguido da assunção de Maria, e ai tem toda uma metáfora com relação as vestimentas.

Primeiro e segundo elas se vestem de branco, que é uma representação de egum, o ambiente está carregado de egum, porque elas estão realizando uma missa por irmãs que já faleceram. Eles morrem ritualmente, porque só elas morrendo ritualmente, elas podem ter contato com suas irmãs ancestrais. É uma morte-ritual, prescrita por interdições que elas cumprem durante todo o ciclo litúrgico. Elas não podem beber, ter relações sexuais, não podem comer determinados alimentos, principalmente quiabo, que é um tabu pra morte, porque dentro do candomblé quando morre um familiar ou irmão de santo, o irmão, parente biológico ou religioso, fica determinado tempo sem comer quiabo, porque aquelas sementes significam procriação. Não pode tomar sol, pegar sereno, ficar na esquina.... No dia que tem a missa pelas irmãs falecidas, elas oferecem um banquete com alimentos que são dedicados a eguns, alimentos que não levam azeite de dendê, chamada ceia branca. Aquilo é um rito de agregação e partilha dos alimentos com os ancestrais, tanto que a primeira porção é dada a eles e tem vários critérios que não mais cumpridos porque eles perderam muito da ritualidade, mas é absolutamente proibido comer aqueles alimentos, fora da casa. Eguns são espíritos ancestrais. Nós, quando morremos, viramos eguns. Alguns eguns são divinizados porque eles têm funções. Por exemplo: uma mãe de santo, fundadora de um terreiro, ela é divinizada porque ela é mãe ancestral de um terreiro. (Luiz Cláudio Diaz do Nascimento, entrevista concedida em 17/Nov/2009)

Nascimento (2009) declara em seu depoimento, as significações atribuídas etapas iniciais que compõe as celebrações da Boa Morte e a relação com o candomblé, evidenciada através das vestimentas e o alimento, na qual algumas etapas permanecem veladas, com acesso concedido somente as integrantes da Irmandade que conhecem as.

Segundo as informações disponíveis através do memorial da Irmandade da Boa Morte em Cachoeira-Ba, apreendidas no ano de 2008, que corroboram com o depoimento de Nascimento (2009), as festividades seguem o planejamento e as etapas dispostas a seguir.

Primeiro dia:

- Alvorada que anuncia a coleta de doações para a festa, chamada de “esmola geral” que acontece, geralmente uma semana antes das festas;
- Eleição do novo corpo diretor da Irmandade que vai gerir as festas no ano seguinte, na qual os votos são representados por grãos de milho e feijão.

Segundo dia:

- Ato religioso realizado em memória das irmãs falecidas, celebrado atualmente na capela da Irmandade ou na Igreja da Matriz em Cachoeira;
- Sentinela a Nossa Senhora da Boa Morte, onde as irmãs trajam vestimenta branca;
- Ao terminar a Sentinela, a ceia branca é servida à Irmandade e aos visitantes, e é composta de pão, vinho, peixe e mungunzá.



Figura 2 - As irmãs velando o Corpo de Maria em sua própria capela  
Foto: Lilian Queiroz /2008

A foto retrata o momento no qual as irmãs, com velas ao redor da imagem de Nossa Senhora, vestidas de branco, turbantes na cabeça e as contas de seus orixás, como baianas, entoam seus cânticos.

#### Terceiro Dia:

- Ato religioso em homenagem a nossa Senhora da Boa Morte;
- Após o ato religioso, segue uma procissão pelas ruas de Cachoeira.

Nesse ato as irmãs trajam beca – saia plissada negra, bata e bicos brancos, pano-da-costa negro forrado de vermelho e não usam jóias.



Figura 3 - As irmãs em procissão pelas ruas da Cachoeira velando Maria  
Foto: Lilian Queiroz /2008

As irmãs seguem em procissão com cânticos entoados de maneira consternada; sérias; tensa; sem o uso de suas jóias; com as cabeças cobertas e velas em punho pelas ruas da cidade, reverenciando a passagem que Nossa Senhora realizou para outro plano espiritual.

#### Quarto dia

- Alvorada e ato religioso solene, enaltecendo a assunção da Virgem. Posse da nova diretoria no final do ato;



- Procissão com a imagem de Nossa Senhora da Glória pelas principais ruas da cidade.

Nesses atos do quarto dia, as irmãs mantêm o uso da beca, usam todas as jóias e contas representantes de seus orixás e a imagem segue no cortejo, agora de pé, anunciando e reverenciando a Assunção. Pela noite segue o samba-de-roda, que se repete nos dois dias seguintes, onde as irmãs usam vestes coloridas conhecidas como trajes de crioula. Marca ainda as festividades da Irmandade, a oferta do cozido, e, no dia seguinte, o caruru seguido, novamente, do samba de roda e da valsa.



Figura 4 - As irmãs celebrando em passeata à Assunção da Virgem Maria  
Foto: Lilian Queiroz /2008

Sobre a vestimenta das irmãs, elemento que tão ricamente as identificam, bem como evidenciam seus corpos, chama a atenção e distinguem das demais irmandades. É Raul Lody (1981) nos conta:

Essa Irmandade, exclusivamente feminina, fundamenta suas indumentárias na morfologia tradicional do traje da baiana de grande força e sentido mulçumano, não só pelo uso do turbante, mas também pelas pequenas chinelas, que anteriormente possuíam a ponta virada, recebendo ainda alguns bordados. O preparo das roupas com capricho e afinco caracteriza um amplo detalhamento do culto, que acontece nos rigores em portar saias, turbantes e panos-da-costa. Na realidade, são duas indumentárias. Um traje de baiana, todo branco, camizu em “richelieu”, bata bem larga, em tecido fino, e trabalhado, saias bem armadas, chinelas em couro branco ou já de

cabeça engomado com detalhes em “richelieu”, muitos adereços e pano-da-costa solene e também bordado. (LODY, 1981, p.17)

Dessa maneira, é possível perceber a interação do corpo das irmãs, com a religião, com a cidade, com a vestimenta e adereços que portam e com a memória ancestral na qual estão envoltas as integrantes da Irmandade. Desde o momento da arrecadação de doações para manutenção das comemorações, na escolha de suas novas representantes para a próxima festa, na preparação dos alimentos que serão servidos e compartilhados com o público, que vem cada vez mais de longe para participar, até nos momentos de celebração, na recriação da assunção de Maria, nas vestes, na procissão, nas feições que retratam cada sentimento que as irmãs naquele momento precisam reviver para manter viva sua fé.

O corpo aqui é interpretado como sendo a materialização da crença da Irmandade e de todas as etapas que precisam ser cumpridas para manter e propagar a cultura de herança afro-brasileira, que se ressignificou em solo brasileiro através da luta pela resistência e pela vida. O corpo é mais do que o suporte para vestes, adereços, e afazeres, é o complexo mantenedor da estrutura cultural viva em cada expressão, em cada passo marcado pelo passar do tempo e do cansaço físico, na harmonia do samba de roda, na serenidade da valsa dançada pelas irmãs . Sendo assim, entende-se aqui que é através da cultura corporal e todas as práticas por ela engendradas, que se mantêm as manifestações culturais vivas, por que a existência, material bem como simbólica, se dá pelo corpo e propaga através de todas as suas práticas. O contar histórias, a memória de cada irmã, o passar do saber as mais moças, o bordado das roupas, o culto aos orixás são práticas corporais que mantêm a cultura viva dentro de cada uma das irmãs.

As integrantes da Irmandade da Boa Morte são, antes de tudo, irmãs de corpo e de fé, uma vez que compartilham a crença e a devoção a Maria e acreditam nela, bem como em seus orixás, encontrar a segurança e a proteção necessárias para seguir em frente, construindo e reconstruindo o caminho para manutenção da sua fé, constituindo assim um corpo único que é a manifestação cultural que vem sendo cada vez mais vista por muitos.

#### 4.4 VOZES QUE SENTEM: O QUE AS IRMÃS FALAM SOBRE A SUA FÉ

“Com a sua proteção  
Senhora da Boa morte,  
abençoa essa missão,  
Virgem Mãe,  
Senhora nossa”

(Trecho de um dos cânticos  
entoados pelas irmãs durante  
a procissão da Boa Morte)

Perceber o potencial do corpo, enquanto linguagem, é entender o quanto os corpos das Irmãs, unidas pela crença e pela fé, e sob o olhar atento da memória, têm a nos reportar. Como pontuou Armando Castro:

Ao passo que é escassa a documentação sobre a confraria, as irmãs, principalmente as mais idosas, se constituem como fontes solícitas e generosas. Seus depoimentos, lembranças e esquecimentos, suas histórias de vida relacionadas à Boa Morte se configuram então como documentos de importância sem par (CASTRO, 2006, p.39).

Desta maneira, entende-se aqui que ouvir o relato das próprias irmãs é o caminho mais efetivo para se entender a cultura expressa nessa manifestação. Não por acaso, o legado cultural que a Irmandade contempla é de notável relevância no campo educacional, pois, partindo da perspectiva da história e da memória do país, essa manifestação representa parte fundante na formação e a construção da identidade nacional, desde o tempo da escravidão, passando pelo sincretismo religioso junto à igreja católica, a luta das camadas populares pela liberdade, até os dias atuais (século XXI), e tem chamado a atenção de estudiosos e pesquisadores de inúmeras áreas do conhecimento, como a antropologia, a sociologia, o turismo, arte e a educação por contemplar tão ricamente elementos constituintes da cultura afro-brasileira, necessitando, portanto, obter mais espaço nas abordagens dentro das salas de aula.

A crença das irmãs está baseada na fé, na religião, mas também na união que elas demonstram ter umas com as outras em prol desse propósito comum. Em depoimento a esta pesquisa, a Irmã Lindaura da Paz dos Santos, com sessenta e

quatro anos, ao relatar sua devoção à Irmandade nos declarou veementemente que “Quando eu to aqui no meio das minhas irmãs não dá mais vontade de voltar pra casa, agora ainda sambo, graças a Deus e nossa senhora que me dá forças pra sambar eu tenho o maior prazer, graças a Deus”, é como se quando estivessem juntas pela Boa Morte, tudo o mais tivesse que ficar em segundo, afastado de suas responsabilidades, que de fato é o que acontece, pois a Boa Morte compete devotar dedicação integral. Outra irmã, Maria Lameu, no documentário *Eu vi Boa Morte Sorri* (2005), conta que “as irmãs da boa morte, no mês de agosto não tem marido, só ta tudo entregue a nossa senhora da Boa Morte, é direto, eu mesmo to aqui direto, só acaba no fim do mês”, quando elas retornam as suas casas, em Cachoeira e cidades vizinhas e as suas atividades cotidianas.

Quando pedimos para que as irmãs descreverem o que é a Irmandade, são visíveis a motivação e sensibilidade que nelas despertam. A Irmã Daddy Barbosa, ainda no documentário, diz que “A Irmandade pra mim não tem explicação, é um negócio assim que dentro de mim eu sinto uma emoção, é pra mim uma religião, é união, me traz muita paz, muita saúde (...) no dia da festa tá todo mundo em pé graças a deus e nossa senhora”.

Estar na irmandade; é mais do que seguir doutrinas religiosas; é um modo de vida que transcende o próprio corpo das irmãs e se converte numa ligação transcendental e direta com o divino, com os antepassados e com o próprio corpo da cidade a ponto de inundar quem por elas passa ecoando a esferas inclusive internacionais.

Luiz Cláudio Dias do Nascimento (1999) fala da relação da Boa Morte com a feminilidade e o sincretismo religioso que envolve o Candomblé ao dizer que:

No imaginário da Boa Morte, formada por africanas na Bahia, boa morte passou a ser a forma de vida de seus ancestrais míticos, tendo como atributo o orixá<sup>10</sup> feminino Nanã Buruku, o responsável pela

---

<sup>10</sup> Personificação ou deificação das forças da natureza ou ancestral divinizado que, em vida, obteve controle sobre essas forças; guia, encantado, segundo Dicionário Aurélio Séc. XXI. Os orixás são deuses africanos que correspondem a pontos de força da Natureza e os seus arquétipos estão relacionados às manifestações dessas forças. As características, de cada Orixá, aproximam-nas dos seres humanos, pois eles manifestam-se através de emoções como nós. Sentem raiva, ciúmes, amam em excesso, são passionais. Cada orixá tem ainda o seu sistema simbólico particular, composto de cores, comidas, cantigas, rezas, ambientes, espaços físicos e até horários, disponível em <http://ocandomble.wordpress.com/os-orixas>. Segundo Suzana Martins (2008), os orixás são seres transcendentais cultuados no candomblé, cuja doutrina consiste num sistema religioso de crenças tradicionais e de práticas rituais trazidos pelos diversos grupos étnicos de africanos que foram

transição do corpo material para o outro mundo e os orixás relacionados à morte. Mas também os outros deuses do panteão africano, relacionados ao nascimento. Boa Morte seria assim uma adesão ao ideal católico de morte, mas preservando as suas próprias concepções em que os elementos rituais do culto aos orixás foram incorporados aos santos católicos. (NASCIMENTO, 1999, p.9).

Além da relação com os antepassados e com as obrigações concernentes a manutenção da Boa Morte e com as outras irmãs, é possível notar que para elas, as integrantes da confraria, é muito claro que Maria, olha e intercede por elas, no sentido mais transcendente da maternidade. Toma conta de suas servas para que sua representação na Terra possa continuar a existir e para que possa dar um bom descanso as irmãs quando lhes for chegada a hora. Um fato que marca esse aspecto diz respeito à necessidade que as irmãs tinham de reformar seu prédio-sede. Elas contam que ajoelharam e clamaram a Maria que pudesse intervir concedendo-lhes mais esta graça, por assim dizer. No ano de 1995, quando até então segundo Castro (2006) a irmandade estava lutando pela sua sede própria, o então governo do estado, conforme nos relataram as irmãs Agda e Lindaura, “atendeu ao pedido de Maria” e deu início a reforma do patrimônio arquitetônico da Irmandade. Um conjunto de três prédios interligados que abrigam juntos a Capela, o memorial onde funciona a sede da Irmandade, um salão de festas.

À Maria foi concedida uma bênção especial. Quando questionadas em relação a Assunção de Maria, elas respondem sem hesitar:

(...) Nossa Senhora adormeceu e foi pro céu de corpo e alma Assunção e não Ressurreição Nossa Senhora não foi enterrada pra ter a ressurreição não, Nossa Senhora adormeceu, veio um coro de anjo do céu levou ela de corpo e alma no dia 15 de agosto. É por isso que diz Assunção de Nossa Senhora; é por isso que diz Nossa Senhora da Boa Morte; foi a única que teve a Boa Morte. Nem Jesus não teve Boa Morte, que morreu na cruz (...).

Fala de Maria das Graças (Integrante da Confraria)

Na crença das irmãs, Maria obteve a graça dos céus e é a única que realmente alcançou uma boa morte. Na celebração atual, quando as irmãs reverenciam uma boa morte de suas antepassadas, elas se referem às irmãs que

---

migrados, à força, para o Brasil, durante o período escravagista brasileiro: em meados do Séc. VXI (MARTINS, 2008, p.24).

morreram livres das senzalas e que lutaram e conseguiram alcançar sua independência. No caso da representação da passagem de Maria, a imagem esta deitada como se dormisse, portando suas vestes e calçados de uso comum, pos como as irmãs dizem “veio um coro de anjo do céu levou ela de corpo e alma”, do jeito que Maria se encontrava no momento em que foi levada.

Outro aspecto relevante no que diz respeito à Irmandade encontra-se no próprio nome da confraria. A princípio, falar de morte para muitos pode denotar algo funesto, negativo ou que indique o final de uma etapa. Para as Irmãs da Boa Morte, falar de Morte significa realmente um movimento de exaltação e celebração da vida. Destacamos algumas falas do documentário *Eu vi Boa Morte Sorri* (2005) no qual elas revelam o que pensam sobre a morte:

Nós celebramos vida e morte, porque quem vive morre então a irmandade da boa morte ela tem a morte e a ressurreição. Só acreditamos na de Maria porque foi a única que morreu e viveu, mas acho q o ser humano não, ele vai, apagou tudo da mente, acabou né? mas Maria não, ela teve sua graça pelo pai de ter a sua ressurreição, assim informa o catolicismo.

Anália da Paz Santos

Nós não temos horror a morte, nós nem se lembramos disso estamos louvando é a Maria, porque a morte é o sono eterno, então não faz medo pra ninguém.

A boa Morte ela não quer sentimento ela não quer choro, ela quer alegria entusiasmo orgulho daquilo que ta fazendo.

É boa Morte, é Glória porque quem nasceu tem que morreu, a vida é morte e a morte será como a gloria que temos que ter um dia!

Estelita Souza - Juíza Perpétua.

A vida pra morte é uma passagem tranqüila, não é morte é uma outra vida é uma transferência, morte é vida. Nossa Senhora da Boa Morte não é morte, Nossa Senhora é vida, é viva!

Daddy Barbosa.

Dessa Maneira o que elas fazem permanentemente e de maneira mais efetiva todos os anos revivendo essa manifestação é agradecer a Deus, que concede o dom da vida, e nossa senhora, que protege e consente os livramentos e as graças, pelas irmãs e antepassadas falecidas, por estarem vivas e por quem viveu e não teve como Maria o privilégio de ter uma Boa Morte.

A fé, inscrita no corpo das irmãs da Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira, move a crença, dá força necessária para transmitir esse legado as demais irmãs que iniciam na confraria e nutre a formação das identidades que as constituem e nelas se encontram representadas eminentemente através do corpo, seja pelas vestes, pelos gestos, feições, orações, cânticos dentre outros aspectos. Um corpo feminino; negro; religioso; afro-brasileiro; assentado num determinado território; que integra o Recôncavo Baiano; e, mais do que isso, que se eleva para destacar a cultura desse lugar. Percebemos dessa maneira que, A Irmandade reúne e revela a manifestação do corpo, em suas mais variadas faces (o tempo, a ceia, a procissão, a hierarquia feminina, o vestuário, a simbologia dos adereços utilizados, os gestos) e revela uma cultura que identifica o local (Cachoeira-Recôncavo) pela memória e história de luta pela resistência de seu povo.

## 5 A EDUCAÇÃO EM CACHOEIRA: A IRMANDADE DA BOA MORTE COMO CONHECIMENTO TRATADO NO ESPAÇO EDUCATIVO

Dentre as oito escolas estaduais, do universo da educação formal, que se localizam no território urbano da Cachoeira, três foram visitadas por este estudo. No intuito de mapear a apreensão da cultura local por parte dos educandos bem como visibilizar a cultura corporal enquanto possibilidade de apreensão educativa e fortalecimento da identidade cachoeirana.

A escola aqui é apontada como lugar de pesquisa, por entendê-la como um dos principais elementos para a compreensão e formação identitária, portanto se faz necessário compreender como se dá a dinâmica de ensino e apreensão de expressões da cultura local, conteúdos que usualmente não seria contemplado pelo currículo escolar formal, dentro das escolas, a menos que passemos a compreender que a educação tende assumir a estrutura da cultura ao qual pertence e a cultura, portanto, se “prolifera” através do processo educativo.

As Escolas Estaduais da Cachoeira, segundo a Diretoria Regional de Educação (DIREC 32 - Cruz das Almas), estão distribuídas nas seguintes localidades:

LOCALIDADE RURAL
Colégio Estadual Eraldo Tinoco
Colégio Estadual Antonio Joaquim Correia
Escola Padre Alexandre Gusmão
LOCALIDADE URBANA
Colégio Estadual da Cachoeira*
Colégio Estadual Edivaldo Brandão Correia *
Escola Ministro José Rabelo
Escola Augusto Públio*
Escola Dom Antônio Monteiro

Quadro nº 2- Escolas Estaduais em Cachoeira

\*Escolas pesquisadas



Existem ainda outras escolas na cidade da Cachoeira, cuja administração está sob a tutela do próprio município, essas não foram fontes para a pesquisa.

A pesquisa, junto à comunidade da Cachoeira, consistiu-se em dois momentos distintos: observações e visitas. No primeiro ano das pesquisas, em 2008, foram observadas as escolas, bem como as festividades da Irmandade e o entorno com a comunidade e com os visitantes. No segundo momento, dando continuidade à pesquisa, em 2009, as escolas foram visitadas e alunos, diretores, coordenadores e professores foram ouvidos, através de entrevistas semi-estruturadas, no sentido de identificar atividades realizadas com os alunos que envolvessem a temática da cultura afro-brasileira.

### 5.1 FORMAÇÃO DO SABER ESCOLAR EM CACHOEIRA: CONTEXTUALIZAÇÃO

Poucos são os registros que precisem o início da institucionalização do saber formal na Cachoeira. O pesquisador e historiador cachoeirano Francisco José de Mello (2001), traz em seu livro História da cidade da Cachoeira, pontos que auxiliam a elucidar essas questões acerca do saber escolar. Mello (2001) traça um panorama histórico dos principais marcos desde o período colonial até o final da década de 80 onde ele ainda não poderia prever a instalação de um Campi da Universidade Federal do Recôncavo.

Segundo Mello (2001), ainda no período colonial se instalava o Seminário de Belém em 1665, sob a direção do Padre Jesuíta Alexandre Gusmão, que já havia administrado o Colégio da Bahia, localizado no Terreiro de Jesus. Esse Seminário ganhou uma repercussão e atraiu atenção de toda colônia, como centro de referência em Ensino. Tempos depois, no final do século XVIII, quando Cachoeira ainda era Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, numa época em que o ensino ainda era privilégio dos filhos dos ricos e senhores de engenho, constituindo assim uma minoria que tinha acesso à educação.

Um ponto interessante que o autor destaca é a fundação da primeira instituição de ensino particular chamado de “Colégio Paraguaçu”, em 1841, funcionava também o curso de latim, em Cachoeira, nessa época.

Os anos de 1935 a 1950 viram crescer várias escolas na cidade, sobretudo de caráter privado como o Colégio Duque de Caxias e a Escola Nossa Senhora do

Perpétuo Socorro. No quesito escolas públicas umas das mais antigas que se tem registro é do Grupo Escolar Montezuma, ainda na década de 50.

A necessidade de escolas no território cachoeirano foi aumentando na medida em que a demanda de estudantes diferenciados também aumentou. Agora não mais serviam a necessidade dos ricos filhos dos donos de engenho, mas também dos filhos dos escravos alforriados, dos comerciantes locais e assim por diante.

Sobre a história das escolas investigadas levantamos que a mais antiga é história do atual Colégio Estadual da Cachoeira que na época de sua fundação, em 1954, intitulava-se Ginásio da Cachoeira. Mudou de nome depois de sofrer uma reforma e grande ampliação. É o complexo educacional onde já passaram varias gerações cidade da Cachoeira, e onde os alunos as escolas de menor porte desejam estudar.

Outra unidade escolar acessada foi o Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, fundado em 1979, numa área da cidade onde era prevista a construção de um Estádio de Futebol, localiza-se em uma parte relativamente afastada do centro da cidade. Do mesmo ano data a fundação do Colégio Estadual Augusto Públio, localizado numa zona considerada como subúrbio na cidade, convive com a evasão dos alunos que desejam estudar no Estadual.

Não se pode deixar ainda de mencionar um importante fato histórico deste século que marca o ensino na cidade de Cachoeira que é a criação da Universidade Federal do Recôncavo, a UFRB, com o campus dedicado ao ensino das Artes e Humanidades sediado na cidade, sobre esse marcante episódio, CASTRO (2006), conta o seguinte:

Em 2006, com a criação e implementação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira passou a sediar o Centro de Artes, Humanidades e Letras desta, oferecendo inicialmente, os cursos de Comunicação, História e Museologia. A criação da UFRB é considerada o mais importante investimento para o desenvolvimento socioeconômico da cidade, nas últimas décadas. Em Cachoeira, a UFRB ocupa as instalações da antiga fabrica de charutos Leite Alves. Vale ressaltar que as atividades acadêmicas foram iniciadas no dia 14 de agosto de 2006, em pleno período da Festa da Boa Morte (CASTRO, 2006, p. 37)

Hoje, a UFRB, ampliando cada vez mais seus horizontes, além dos cursos citados por Armando Castro (2006), conta ainda com os cursos Cinema e

Audiovisual, Serviço Social, Bacharelado em Ciências Sociais, Arquitetura e Urbanismo, Serviço Social – Noturno, Tecnologia em Gestão Pública, Artes Visuais com ênfase em multimeios - estes cinco últimos são cursos novos a serem implementados em 2010. Em maio de 2009 foi inaugurado, com as presenças do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e representantes políticos da cidade da Cachoeira, o reformado Campus no Quarteirão Leite Alves<sup>11</sup>.

Esse fato trouxe novamente Cachoeira ao grande cenário da educação na Bahia. Novas oportunidades de cursos, dentro de uma instituição pública de ensino, onde as pessoas, principalmente residentes em Cachoeira e região não precisarão se deslocar para ampliar seus conhecimentos na própria cidade de origem. Esse fato colabora, portanto, para o fortalecimento da auto-estima do povo cachoeirano e oportuniza mais um lugar de discussão e construção da identidade local.

## 5.2 SOBRE AS ESCOLAS PESQUISADAS

Este quadro mostra as escolas na ordem em que aconteceram as pesquisas bem como o quantitativo correspondente a cada unidade escolar.

Escolas	Alunos	Professores e/ou Diretores
1. Escola Estadual Edivaldo Brandão Correia	4	3
2. Escola Estadual Augusto Públio	4	3
3. Colégio Estadual da Cachoeira	3	3
Total de entrevistados	20	

Quadro nº3 - Distribuição dos Entrevistados nas Escolas de Cachoeira  
Fonte: Entrevista Direta

<sup>11</sup> Informações disponíveis na página eletrônica da UFRB disponível em: [www.ufrb.edu.br/portal](http://www.ufrb.edu.br/portal)

Como demonstra o quadro, foram entrevistados e responderam a um questionário semi-estruturado na primeira escola, por ordem de acesso da pesquisa, Edvaldo Brandão Correia quatro alunos e três professores sendo que uma das professoras ocupava ainda o cargo de vice-direção do turno noturno. Já na segunda escola visitada Escola Estadual Augusto Púbio, entrevistamos quatro alunos, duas professoras, de Língua Portuguesa e Cultura Baiana e a diretora da escola. No Colégio Estadual da Cachoeira, entrevistamos três alunos, sendo dois residentes na zona rural da cidade e três professores, um de História e dois de Língua Portuguesa, um dos professores de Língua portuguesa ocupava ainda o cargo de vice-direção do turno matutino.

O fato de haverem disciplinas no currículo das escolas como Cultura Baiana, Cultura Brasileira e Sociologia, mostrou ser um componente a favor do ensino da cultura nas escolas. Foi possível perceber que, com o incentivo dos cursos de formação a partir da Lei 10.639/03, aliada aos conteúdos dessa disciplina, podemos afirmar que, em Cachoeira a cultura local tem seu espaço dentro das escolas. Em atividades de caráter multidisciplinar e nas datas previstas no calendário escolar.

Todos os entrevistados responderam ao mesmo roteiro de entrevista, semi-estruturado, mais as colaborações muitas vezes extrapolaram os limites das questões propostas. A exceção das irmãs que deram seus depoimentos de maneira espontânea e dos historiadores Edvaldo Carneiro e Luiz Cláudio Dias do Nascimento que nos oportunizaram suas falas mediante explanação acerca da pesquisa e do que se tratava.

Outro fato que envolve os professores das escolas da Cachoeira diz respeito aos cursos de formação sobre a Lei 10.639/03 e 11645/08 oferecidos pelo Governo do Estado. Os professores entrevistados, em grande maioria, estavam participando ou já tinham participado de algum módulo desses cursos. Um desses cursos de formação para professores e professoras do estado intitula-se “Educação das Relações Étnico-raciais, Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira” e teria, dentro da perspectiva de formação ministrado no começo de 2009 com previsão de segundo módulo para segunda quinzena de novembro do mesmo ano.

Vale mencionar que todos os participantes da pesquisa concordaram em ceder suas falas para compor os conteúdos tratados nessa dissertação. Buscamos

dessa maneira, evidenciar a voz dos participantes e suas posições frente as questões aqui abordadas como a cultura e educação, por exemplo.

### 5.2.1 Colégio Estadual Edivaldo Brandão Correia

Com trinta anos de fundação e situado na Avenida São Diogo s/nº, o Colégio Estadual Edivaldo Brandão Correia atende estudantes da área urbana e também da área rural da cidade. Considerado um Colégio de médio porte, pela Secretaria de Educação, com assistência a aproximadamente 860 estudantes distribuídos em turmas de 5ª série do ensino fundamental até o 1º ano do ensino médio, nos turnos matutino e vespertino, atendendo ainda as demandas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno noturno, funcionando, portanto, nos três períodos.



Figura 5 - Fachada da Escola Edivaldo Brandão Correia  
Foto: Lilian Queiroz/2009

O corpo docente é formado por vinte e três professores, com carga horária de 40 horas, que revezam as turmas entre os três turnos de funcionamento da escola. Todos os entrevistados se mostraram solícitos e interessados em saber sobre o que a pesquisa abordava, nesse caso tanto alunos quanto professores.

### 5.2.2 Escola Dr. Augusto Púbio



Figura 6 - Fachada da Escola Dr. Augusto Púbio  
Foto: Lilian Queiroz/2009

Considerada de pequeno porte, a Escola Dr. Augusto Púbio fica na Rua Martins Gomes, tem por volta de 222 alunos distribuídos entre a 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries do ensino básico e 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> do ensino fundamental que compõe as sete turmas alocadas nos turnos matutino e vespertino, nos quais a escola funciona. Por ser considerada de pequeno porte, a escola não possui uma coordenação pedagógica pré-estabelecida nem a disciplina de educação Física. Segundo a direção da escola, esta se encontra numa região periférica de baixo poder aquisitivo dos moradores e problemas com evasão escolar. Sobre o entorno dessa instituição é interessante notar que a maioria dos alunos tem ligação direta com o candomblé ou possuem ainda parentes que tenham ligação. A presença da religião é bem evidenciada nessa região da cidade. É um bairro considerado de subúrbio na cidade.

### 5.2.3 Colégio Estadual da Cachoeira



Figura 7 - Fachada do Colégio Estadual da Cachoeira  
Foto: Lilian Queiroz/2009.

Colégio de grande porte que tem aproximadamente 1510 alunos entre matriculados e freqüentando, oriundos tanto da própria cidade quanto da zona rural. Uma estrutura distribuída por três grandes pavilhões, mais ainda quadra de esportes área de convivência. Foi a escola onde encontramos maior dificuldade para acessar os professores que estavam todos envolvidos com suas atividades, cadernetas, planos de aula, atividades interdisciplinares, como uma gincana entre os colégios da cidade que estava sendo sediada na escola, mas alguns encontraram uma fresta para responder as perguntas propostas pela pesquisa.

### 5.3 A IRMANDADE DA BOA MORTE DENTRO DA ESCOLA: COMO SE ABORDA E O QUE SE SABE

A crise da Educação é na verdade, a crise da formação cultural da sociedade capitalista como um todo. (...) O problema da educação está no fato de ela ter se afastado de seu objetivo essencial, que é promover o domínio pleno do conhecimento e a capacidade de reflexão. A escola, assim, se transformou em simples instrumento a serviço da indústria cultural, que trata o ensino como mera mercadoria pedagógica em prol da "semiformação". Essa perda de valores (...) anula o desenvolvimento da autorreflexão e da autonomia humana. (Theodor Adorno, apud CASSARO 2009, p. 36)

O saber a respeito da cultura local potencializado enquanto conteúdo educativo consiste num pensamento democrático e de emancipação pela educação. Já sua ausência, como ressalta o filósofo alemão Theodor Adorno, pode configurar a propagação de uma educação a serviço dos propósitos de dominação do sistema vigente, uma educação portanto fora dos seus propósitos essenciais como nos afirma o filósofo.

Precisamos refletir sobre a condição humana e sua natureza, refletir sobre um ser que é por essência cultural, que demanda das suas relações com o outro e com o lugar que ocupa numa dada sociedade para ser o que é: um corpo constituído e ressignificado historicamente, cujas práticas culturais são assimiladas, apreendidas e “re-transmitidas”, e reverberam em construtos e significados por ele (homem-corpo) elaborados, construindo assim o seu princípio de identidade; buscando assim a emancipação através da cultura e da educação.

Essa reflexão deve reverberar numa prática comprometida com a docência e a concepção pedagógica dos educadores. Na cidade de Cachoeira os professores entrevistados se mostraram dispostos e pensativos em suas ações dentro das salas de aula no sentido de motivar os alunos a frequentarem os espaços escolares e buscarem complemento para esse conhecimento.

Ainda assim, destacam dificuldades como a professora do Colégio Estadual da Cachoeira que nos fala sobre o incentivo da Lei 10.639/03:

A lei é muito bem vinda, porque a gente sempre precisa estar revisando estas questões afro, mas ela não pode ser jogada para nos adaptarmos de qualquer forma”. “Numa outra escola que trabalhei o professor não tinha preparação, material,... textos, livros... “os alunos evangélicos não aceitavam a aula. Alguns alunos saíam da sala porque acreditavam que a aula só iria tratar do candomblé . (Professora Milena Paixão, Colégio Estadual da Cachoeira).

Os problemas enfrentados pelos professores na cidade da Cachoeira não diferem em muito dos enfrentados pelos professores na capital do estado. A intolerância que cerca a diversidade ainda é um grande tabu no que diz respeito a cultura afro-brasileira. O que configura um grande empecilho na apreensão da mesma.

Dentro do que apreendemos através da pesquisa, dos onze alunos entrevistados, todos disseram que conheciam a Irmandade da Boa Morte de ouvir



falar na escola ou de já ter visto nas ruas, e precisamente dois, disseram que já haviam participado um na procissão por fazer parte de um projeto local que registrava as festividades e outro como integrante da Filarmônica Minerva Cachoeirana que também acompanha a celebração.

O que foi possível avaliar é que os estudantes locais, cada vez mais expostos a questões do seu cotidiano dentro das escolas, estão começando a reconhecer a Irmandade da Boa Morte enquanto manifestação cultural e não como uma festa “pra turista ver”, como muitos depoentes apontavam em 2008, estão começando a se sentirem como parte do processo e nesse sentido a Universidade Federal do Recôncavo tende a reforçar.

Dos professores entrevistados além de destacar a importância de conhecer as práticas culturais locais, da relevância dos cursos de formação fomentados através da Lei 10.639/03, todos mostraram que conheciam e já participaram da irmandade, ou vendo, acompanhando a procissão, por serem da cidade, ou por ter parentes que tem relação mais próxima com a confraria, de caráter religioso. Uma das Professoras do Colégio Augusto Público mencionou que sua mãe costurava bolsas pra Irmandade e que desde pequena ela convivia com esse contexto.

Notadamente, com a aproximação do mês de agosto, mês em que ocorre a celebração, a ênfase nos conteúdos relacionados à confraria se acentua. Ainda assim, esta prática não se evidenciou na pesquisa como pontual, uma vez que se repetem em atividades durante todo o ano. Vale ressaltar ainda que, outras atividades culturais de origem na cidade, dividem espaço com a Irmandade, principalmente o Embalo D'ajuda e a Festa do Rosário, festas também muito citadas nas falas da maioria dos alunos quando inquiridos sobre as manifestações culturais presentes na cidade que eles tem conhecimento.

Constrói-se, portanto, uma perspectiva acerca da cultura local partindo da exposição dos conteúdos abordados nas escolas bem como nas ruas da própria cidade. É interessante notar como a perspectiva de cultura se mostra consciente e amadurecida, na visão dos alunos principalmente notada na Escola Edivaldo Brandão Correia e como essa concepção se reflete em suas falas. Quando interrogados sobre o que é cultura, eles falam que: “É uma coisa que vem dos nossos antepassados e passa pra gente. É importante saber sobre a cultura para conhecer o que nossos antepassados fizeram.” (Aluna 1 - Escola 1); “Cultura pra mim é ter conhecimento.”(Aluno 2 – Escola 1); “É uma coisa que vem dos nossos antepassados e

passa pra gente. É importante saber sobre a cultura para conhecer o que nossos antepassados fizeram.” (Aluna 3 - Escola 1); “Cultura é uma raça, uma arte.” (Aluna 4 – Escola 1).

É válido ressaltar que no ano de 2009, quando os alunos foram entrevistados, os conteúdos sobre história local e cultura foram bastante abordados e atividades no sentido de apreensão dessa realidade, muito enfatizadas. Os alunos entrevistados nessa escola variam entre 14 e 42 anos de idade, cursando a sétima, oitava e primeiro ano do ensino médio e são residentes na zona Urbana e Rural da cidade. Podemos entender que a partir da clareza no entendimento de cultura, os alunos se aproximam em entender a Irmandade da Boa Morte como relevante na perspectiva escolar.

Esse entendimento se revela também ao falar da cor da pele na opinião dos alunos, apenas para dois dos entrevistados a cor da pele se classifica como “morena” e não como “negra” seguindo a resposta dos demais. Nota-se uma certa timidez na resposta da minoria, uma falta de relação com a cor da própria pele bem como dos demais que os cerca. Esse aspecto fica evidente, pois, em uma das escolas entrevistamos irmãos e um afirmou ser negro e o outro afirmou ser moreno. Percebemos que a comunidade ainda precisa ficar mais consciente da importância das manifestações culturais e não vê-las apenas pela parte da festa e do entretenimento e não pela parte da manifestação expressa da sua cultura.

A Irmandade da Boa Morte sintetiza elementos que possuem caráter pedagógico e poderiam ser abordados nas escolas cachoeiranas. Podemos elencar aqui o respeito que as irmãs têm pela sua fé e pelas irmãs mais velhas, seguindo sua hierarquia baseada no critério de senhoria. A atenção dada a todas as etapas dos seus rituais. O compromisso com a confraria e com a própria fé. A concepção de união e divisão de atividades para que todas possam desempenhar seus papéis, todos estes são elementos que potencializam a relação ensino-aprendizagem dentro das escolas, mas sobre tudo o modo como se preocupam em transmitir as irmãs mais novas seus conhecimentos, principalmente através da oralidade e, conseqüentemente via memória.

Retomando os pontos principais apreendidos na pesquisa concluímos que dois fatores chamam atenção no sentido de compreensão da cultura cachoeirana

dentro das salas de aulas. O entorno das escolas e a formação e conhecimento dos professores nos assuntos referentes a esse entorno e a cultura afrobrasileira.

O lugar onde as escolas se localizam, na cidade de Cachoeira, traz fatores que podem aproximar ou distanciar os alunos do âmbito escolar. O que ficou evidenciado na pesquisa foi que nas escolas onde a religião, sobretudo de matriz africana como o candomblé, é elemento recorrente nas famílias, ou quando os alunos estão envolvidos em grupos de capoeira, samba de roda ou nas filarmônicas, que são comuns na cidade, esses alunos tendem a uma receptividade maior dos conteúdos. Nesse caso, se faz necessário ao professor conhecer o universo dos alunos e fazer com que esse conhecer venha potencializar sua prática docente.

No tocante a formação dos professores, não se pode negar que a Lei 10.639/03<sup>12</sup> consiste num passo importante para a consolidação da cultura afrobrasileira dentro da escola. No entanto, notadamente a instituição da lei não finda os problemas tão amplamente consolidados. Embora o estado desde a promulgação da lei, na tentativa de nutrir os professores dessa nova realidade venha elaborando cursos de formação na História de Cultura Negra, Africana e Indígena, esta última mais estimulada a partir da Lei 11.645/08, se pode perceber que a efetivação da lei demora a se firmar nas escolas, esses conteúdos de maneira integral, ou seja, durante todo período letivo. Na cidade de Cachoeira, excepcionalmente, verifica-se que em disciplinas como Sociologia, Cultura Negra e Cultura Baiana, existe uma expressiva tentativa de fazer a lei, de fato, sair do papel.

Pode-se perceber, como um dos resultados da pesquisa, que as manifestações locais da cidade da Cachoeira são abordadas pelos educadores em suas atividades nas salas de aula. Em disciplinas específicas, com trabalhos alocados junto às demais atividades do calendário escolar, mas fica claro também que a maneira de apreensão é para cada um, seja ele aluno ou professor. O contexto no qual o indivíduo se encontra inserido, nesse caso, é um fator que pode agregar conhecimento como pode também tolher. Ao lidar com os conteúdos que muitas vezes o educador não tem familiaridade suficiente, ele mostra-se pouco confiante no aprendizado dos alunos, ao passo que os alunos ao se sentirem

---

<sup>12</sup> Vale reforçar que a lei 10. 639/08 “institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira”. (Diretrizes Curriculares Nacionais, p 8, 2004)

distantes desses conteúdos não visualizam sua importância prática e, por conseguinte, nenhum ganho substancial para a própria vida. Da mesma maneira os alunos que possuem um envolvimento externo com atividades culturais, de certo modo, extra escolares, se mostram muito mais receptivos a estudar e a compreender suas matrizes culturais e as manifestações que os cercam e que por sua vez os mesmos integram.

## 6 CULTURA E CORPORAL E IDENTIDADE: UM CAMINHO A DESVELAR

Se o corpo não é coisa, nem obstáculo, mas é parte integrante da totalidade do ser humano, meu corpo não é alguma coisa que eu tenho; eu sou meu corpo. Ao estabelecer o contato com uma pessoa, eu me revelo pelos gestos, atitudes, mímica, olhar; enfim, pelas manifestações corporais. Ao observar o movimento de alguém, não o vejo enquanto simples movimento mecânico, como se o outro fosse máquina, mas como sujeito cujo movimento representa um gesto expressivo. Portanto um gesto nunca é apenas corporal: ele é significativo e nos remete imediatamente à interioridade do sujeito.  
(ARANHA, 1993, p. 315).

O corpo tem muita ligação com a alma. É expressividade o corpo. Se eu olho pra seu corpo, eu vejo seu pensamento. O corpo diz tudo... Nosso corpo diz todo nosso sentimento.  
Antônia Santana. Professora de Cultura Baiana da Escola Augusto Púbio, novembro de 2009.

### 6.1 SOBRE O SABER “À SABER” DA CULTURA CORPORAL: POSSIBILIDADES DE PERCURSO

As discussões acerca do corpo, uso, movimento, concepções e características, datam de muito tempo. Já com o filósofo grego Platão (Século V a.C.), o período Medieval e o corpo a critério da penitência, passando pelo Renascimento Científico (Século XV) e por René Descartes (Século XVI), foram diversos os significados atribuídos ao corpo no curso da história.

Platão contribui para a construção de uma visão de homem fragmentada, na medida em que sustentou a idéia de corpo versus consciência separadamente, ou seja, um corpo em segundo plano subjugado em relação ao espírito. Esse mérito não deve ser atribuído somente a Platão, uma vez que, de maneira geral, vários filósofos seguiram esse viés para explicar a existência humana e as implicações bebendo na fonte da dicotomia “material-imaterial”<sup>13</sup>.

O período Medieval é fortemente lembrado pelo poder hierárquico teleológico que o dominou. A igreja fez ecoar a idéia de que o corpo deveria padecer, a fim de atenuar os pecados do homem alcançando assim a purificação e por conseqüência, o perdão divino. O corpo então aparece a serviço de uma ideologia, em nome da

<sup>13</sup> ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, CAPÍTULO 32 – O CORPO In: Filosofando Introdução a Filosofia 1993

moral e do asceticismo (“exercício da virtude”) preponderantes. Nesse período, vale lembrar que uma leitura de Platão foi utilizada para embasar (justificar) as práticas de “mortificação da carne” (tais como jejuar, chicotadas, autoflagelo, abstinência e outras), ou seja, o corpo como instrumento de manifestação da penitência<sup>14</sup>.

O Renascimento traz uma materialidade corporal bem distinta da divindade medieval. O Sagrado é desvelado pela ciência que com sua força rouba a cena imprimindo um novo modo de pensar o corpo e o próprio Deus. O confronto se estabelece na tensão de um corpo que não se pode ser “violado” por outro motivo que não o da “salvação eterna” e um corpo que auxilia na compreensão de fenômenos, até então, desconhecidos e inalcançáveis. A igreja não pôde conter o avanço científico, nem o novo olhar do homem sobre o mundo. Uma grande prova disso é o fato de que o artista Leonardo Da Vinci conseguia esconder cadáveres para seus estudos detalhados de anatomia e suas pinturas<sup>15</sup>.

René Descartes aquece a discussão ao falar de outro de tipo de materialidade, da materialidade de um corpo “externo”, alheio ao humano que funciona segundo a autonomia de suas próprias leis. Ainda exaltando e separando a parte “pensante” da parte “inerte” do homem. Segundo Descarte, “*o homem é uma máquina criada por Deus*”, ou seja, um corpo-objeto, atrelado a idéia mecânica de produção e de fazer<sup>16</sup>.

Existe ainda questões referentes ao uso do corpo e o consumo de sua imagem de maneira exacerbada como a mercantilização corporal<sup>17</sup> da estética perfeita, do rendimento, da competição, do culto ao narcíseo corpo, superexposição da figura feminina e idealização de atletas, mas ainda assim o corpo não deixará de ser símbolo material da construção histórica de cada indivíduo.

O ponto em comum nas várias épocas históricas destacadas e seus diversos pensadores está no corpo está sempre “a serviço de” e não “fazendo parte de” ou muito menos “sendo algo”, uma realidade que perdurou por muito tempo. Até no início do Século XX, quando novas correntes filosóficas buscaram compreender as

---

<sup>14</sup> História da Filosofia, Coleção os Pensadores, Editora Nova Cultural (p.46-41), 1999

<sup>15</sup> Ibid (p.129-137)

<sup>16</sup> Ibid (p.195-203)

<sup>17</sup> (SILVA, M., 2003, p. 32)

relação corpo-espírito para além do dualismo psicofísico já existente. O pensamento que começou a permear esse momento e que mais se aproxima do momento atual e a intenção deste estudo foi o de que o corpo não é coisa e nem objeto e sim a essência da compreensão das atividades e construções humanas.

O corpo é a essência da natureza humana. Desta forma, nos possibilita leituras inteligíveis sobre o homem, a sociedade bem como a realidade que o cerca. Os modos de ver e pensar o corpo terminam sendo resultados de uma construção social que ocorre num dado momento histórico. Portanto, o corpo é, sobretudo, uma construção histórica e material da existência do homem.

Dessa maneira, refletir sobre a condição humana e sua natureza é necessariamente refletir sobre um ser que é por essência cultural, que demanda das suas relações com o outro e com o lugar que ocupa numa dada sociedade para ser o que é: um corpo constituído e ressignificado historicamente, cujas práticas culturais são assimiladas, apreendidas e “re-transmitidas” e reverberam em constructos e significados por ele (homem-corpo) elaborados.

O corpo se apresenta como leitura social e comunicação, devido à carga simbólica e interpretativa que pode ser atribuída aos aqui intitulados “atos do corpo”, que correspondem às práticas corporais como um todo, a saber, gestos, mobilidade, feições, labor, produção simbólica, interação com o outro. Cristiane Greiner (2005) aponta a necessidade da consciência corporal como elemento de apreensão da realidade quando diz que

As atividades dentro do mundo material podem ser abstraídas, esquematizadas e convertidas em componentes de um repertório comunicativo partilhado em uma comunidade. Antes de fazer gestos aprendemos a pegar coisas, o conhecimento é incorporado em nossas mãos. Nós o usamos e chamamos de interlocutor quando representamos o mundo gestualmente e convidamos nossos pares a entender gestos de acordo com contextos que se constroem durante a relação. A comunicação gestual é, portanto, mediada pelo conhecimento experienciado pelo mundo material. (GREINER, 2005, p. 99)

A autora traz o que para Marcel Mauss constituía a resposta para a configuração de todos os sistemas culturais, bem como na manutenção de suas similitudes e diferenças, uma vez que cada sociedade se comunica, transmite seus

hábitos e valores de maneira própria, bem como nos diálogos com sua corporeidade e o que ela representa. Ao falar sobre corporeidade, Greiner afirma que:

A corporeidade seria como uma rede de anticorpos para romper com a noção do corpo monolítico. Paradoxalmente, mais uma vez, não se escapa da tentativa de nomeação, embora mude o nível de descrição. A diferença entre discutir “o corpo” ou “as suas corporeidades” é a tentativa evidente de estudar “diferentes estados” de um corpo vivo, em ação no mundo. (GREINER, 2005, p.22)

A autora utiliza-se da metáfora dos anticorpos para sinalizar a necessidade de rompimento com os paradigmas de corpo estático e desconexo das relações com o mundo. Não descarta que, mesmo havendo outro entendimento de corpo ainda assim existirão nomes e títulos que cada maneira de pensar poderá atribuir as práticas e concepções corporais. Sinaliza ainda a corporeidade como maneiras de abarcar formas mais amplas de entendimento do corpo em diferentes instancia da realidade interagindo junto a ela. No que diz respeito a essas diferentes formas de pensar o corpo, pontuamos aqui algumas delas. Pensar o Corpo, enquanto fenômeno da existência, materializa a visão de mundo que o indivíduo constrói, bem como indica que parte esse indivíduo ocupa no todo com sua gama de produções objetivas e subjetivas.

À medida que esse corpo existe e mediatiza sua existência corpórea no mundo, pensamos então no Corpo enquanto construção social e, portanto, histórico-cultural. Os valores sociais são apreendidos por meio do corpo que formam os indivíduos e os dividem em grupos sociais distintos, com sua constituição própria, no sentido da religião, memória, construção da identidade.

Uma vez o indivíduo socialmente posto carece pensar na estrutura que ele significa na sociedade. A partir desse aspecto, pensamos no Corpo, enquanto representação, seja ele uma representação subjetiva construída no imaginário individual ou coletivo, como materialização cultural de uma dada sociedade. E, notadamente, o corpo só pode existir, falando do Corpo, enquanto corpo, propriamente dito, a partir da constituição material e biológica do homem (estrutura física).

Entretanto, existe o corpo, e deve existir, por conseguinte, outros corpos para que o indivíduo possa estabelecer suas relações de existência, formando grupos sociais e estabelecendo assim as práticas culturais. Entende-se aqui, dessa



maneira, que para existir o estabelecimento da construção cultural deve haver interrelações humanas:

A questão é que pra apostar na estabilidade sistêmica de uma cultura, sobretudo em ambiente predatório, é preciso criar táticas de sobrevivência que garantam um mínimo de preservação e adaptabilidade evolutiva. Neste universo em que a história e a memória são construções sócio-culturais e a cultura é processo, vale apostar na estabilidade das relações e na continuidade dos processos cognitivos, ao invés de investir todos os esforços na durabilidade das coisas. A taxa de permanência das idéias encontra o seu lastro no continuum entre natureza e cultura. Prova a todo instante que não é resultado de atividades de outra natureza senão da própria carne. “Carne que pensa” como lembra o cientista Steven Pinker (2000). O percurso sensoriomotor, dentro e fora do corpo, garante a fome epistemológica que tratará de nos manter vivos. (GREINER, 2005, p.104).

O saber necessário à compreensão da Cultura Corporal esta, pois, em pensar no homem atrelado as suas teias de significações com o outro, com o alheio e com o mundo ao qual pertence. Está em compreender as ações do ser humano enquanto ser pensante, criador e modificador da própria história, portanto um ser histórico atuante e dinamizador da própria cultura.

## 6.2 RELAÇÃO CORPO E ESPAÇO ESCOLAR: A DIMENSÃO CULTURAL E EDUCATIVA DO CORPO

O corpo, enquanto construtor dos próprios sentidos, tem sido desconsiderado dentro do espaço escolar. Tanto estudantes, quanto educadores e servidores seguem uma lógica funcional, na qual precisam assimilar que há tempo e lugar definidos para estarem dentro da escola, e para os afazeres que necessitam ser cumpridos dentro da instituição. Existe efetivamente pouca participação do corpo dentro das escolas. Professores e alunos margeiam-se à reprodução dos conteúdos pré-estabelecidos, e mantêm-se à distância do cotidiano que os cerca. E, quanto aos alunos, há um recorrente pensamento de que todo o conteúdo que lhes está sendo transmitido alcançará ampla utilização em seu futuro, ainda muito distante. O que temos como consequência é uma “educação bancária”, como dizia Paulo Freire, distante da realidade dos alunos.

Esses conhecimentos, transmitidos de forma distante da realidade dos educandos, se torna para eles abstratos e sem relação prática com o cotidiano que os envolve, e, sem muita atenção a experiências no campo sensório-motor, pauta-se na repetição e acumulação como princípios base de aprendizagem. Maria Augusta (1997) discorre sobre o assunto ao citar:

A aprendizagem de conteúdos é uma aprendizagem sem corpo, e não somente uma exigência do aluno ficar sem movimentar-se, mas, sobretudo, pelas características dos conteúdos e dos métodos de ensino, que o colocam em um mundo diferente daquele no qual ele vive e pensa seu corpo. O conhecimento do mundo é feito de forma fragmentada, abstrata, distribuída em diferentes disciplinas, limitadas a um horário prefixado e restrito. A quantificação e a mensuração são os instrumentos mais adequados para conhecer o mundo. O próprio aluno torna-se objeto de mensurações quantitativas, na avaliação de uma aprendizagem que privilegia, sobretudo, as operações cognitivas (GONÇALVES, 1997, p.34)

Na Escola Estadual Edivaldo Brandão, a Professora de Sociologia Veraildes Santos, citada pelos alunos entrevistados de forma recorrente, nos conta sobre uma experiência de atividade dentro de sala de aula, onde os alunos de sétima e oitava foram interrogados e levados a refletir acerca dos próprios valores sócio-culturais. Conforme nos contou a professora, a proposta consistia em uma atividade na busca por estimular seus alunos através de uma pergunta norteadora: “o que é ser negro?” Procurando dar ênfase à cultura negra numa perspectiva positiva. Segundo ela, a depreciação do negro é demais visibilizada, discutida, e ela queria com essa atividade estimular uma reflexão positiva acerca da cultura e consciência negra. Em seu depoimento, ela nos conta como realizou essa atividade:

Eu fiz um cartaz agora com eles o que é ser negro? E eu disse a eles que eu não queria o lado negativo, porque o lado negativo agente já sabe demais de trás pra frente e essa lei é justamente pra ver o lado positivo dos negros e afros-descendentes. A principio eles ficaram meio assim, gente qual é o lado positivo? O que é ser negro? Aí eles começaram a respeitar e ser respeitado. Ótimo, estimula a professora, é ter liberdade e assim por diante. Ai depois que eles escreveram os cartazes eu pedi a eles que falassem sobre as frases que eles tinham colocado...

(Professora Veraildes Santos, Cachoeira, novembro de 2009)

A atividade ganhou uma repercussão por toda a escola, não somente nas turmas nas quais a professora leciona como em outros turnos e os cartazes

ganharam destaque em toda escola. Mobilizou os alunos no aspecto corporal e motivou-os a refletir sobre o corpo negro e suas limitações. E a professora afirma ainda que, em sua opinião, o que faz a cultura transpor o longo dos séculos é a transmissão oral, e mostrou-se disposta a ampliar seu entendimento em relação ao corpo, afirmando, na mesma ocasião:

O corpo também é importante inclusive nos tivemos um atelier, foi quando a gente dá assim aquele insight, sempre quando a gente tem alguma coisa que passa assim pra gente né? Ter mais um pouco de conhecimento a gente realmente vai refletir; ela fez um atelier interessante com a gente sobre o corpo, né? Como o corpo é importante nesse processo, é o gesto da gente, é o andar da gente, e ai a gente vai realmente refletindo que é importante agente trabalhar o corpo, não só assim o conhecimento, assim a fala, mas de uma certa forma o corpo da gente é importante, assim é uma dança é um gesto que a gente faz, o teatro também a gente usa o corpo de uma forma, de uma não, de várias formas aliás, então é importante, eu também não tinha atentado pra isso não mas agora eu to começando a trabalhar e a pesquisar (...) a gente não pode esquecer que nosso corpo é importante, a gente as vezes não precisa nem falar, basta um gesto, um olhar... Uma outra leitura...

(Professora Veraildes Santos, Cachoeira, novembro de 2009)

As aulas da Professora Veraildes demonstram o interesse da educadora em buscar modos de trabalhar seus conteúdos em sala de aula de maneira articulada consciente e reflexiva, mostrando como ações aparentemente despretensiosas, mobilizam alunos e fazem com que eles possam articular seus corpos no sentido de apreensão do conhecimento. O atelier ao qual a professora se refere, diz respeito a uma atividade realizada em seu curso de pós-graduação na cidade próxima de Santo Amaro, que segundo ela, foi o grande motivador da sua renovação pedagógica dentro da sala de aula. O trabalho de conclusão da Professora, nesse curso de pós-graduação, está baseado na pesquisa sobre os Griôs e a Tradição oral, dentro da cidade de Cachoeira.

Destaca a importância de abordar os conteúdos relacionados à cultura afro-brasileira de maneira negociada, previamente, com os alunos, atentando sempre para as individualidades de cada um, como religião, a idade e local da cidade onde mora, etc.

O que seria então a educação, pelo corpo, no sentido amplo dessa proposta:

Educação é, portanto, o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade. O homem se constrói na existência, e é ela que produz a consciência (...). Portanto, se a consciência vem da existência, uma questão fundamental para nós seria a vivência da democracia na escola. (...) A linguagem do corpo se torna importante para a educação porque ela explicita, reformula e traz à tona questões que expressam o ser no mundo, sua concretude existencial. O corpo tem uma linguagem. Uma linguagem de poder. Poder que circula, que funciona em rede; e a produção do poder se faz através do saber. (SILVA, M., 2009, p. 46).

Pensamos a educação numa perspectiva para além dos limites da escola, numa articulação junto à família e a comunidade da qual os indivíduos façam parte, dissolvendo a impressão que se tem de que uma educação pela cultura e pelo corpo só tenha alcance dentro de espaços não-formais de educação. Ainda assim, vilanizar a instituição escolar formal definitivamente não constituirá a solução do problema da educação, mais sim questionamentos seguidos de propostas e ações no sentido de mudança. Quais pessoas poderemos formar com a possibilidade do corpo como linguagem, no contexto educacional? É possível formar indivíduos emancipados consciente e intelectualmente dentro das escolas, ainda que o espaço formal de educação tenha sido historicamente utilizado como mecanismo de reprodução dos ideais do sistema dominante? Diante dessas questões, Maria Cecília (2009) afirma que:

A escola pode produzir também corpos rebeldes e corpos revolucionários. O homem é um ser desejante, é um ser que sente prazer e também um ser que constrói utopias. A escola desconsidera esse ser, violenta-o, tolhe, limita suas possibilidades de tornar-se mais humanizado por meio da facilitação das relações democráticas. Apesar disso, ele deseja a liberdade, ele inventa outros mundos e não sucumbe ao modelo que lhe apresentam. Existe a possibilidade de uma docilização e existe a possibilidade de sua libertação, pois esse movimento é dinâmico, e não estanque; é dialético. (SILVA, M., 2009, p. 47)

A responsabilidade da educação não esta somente a cargo da escola. Sim, é dela grande parte desse mérito uma vez que esta constitui uma vertente importante da estrutura social. No entanto, O que Maria Cecília (2009) fala quando a escola “desconsidera esse ser” diz respeito justamente a parte que necessita ser reformulada dentro dessa estrutura. Que desejos a escola tem despertado em seus educandos, no intuito de. Apontamos a potencialidade do corpo livre, pensante,

pulsante e da cultura dentro da escola que pode modelar uma realidade diferente da qual se encontra, no sentido positivo, para sua futura geração. Ou pode ainda continuar como mecanismo de repetição da estrutura dominante vigente.

Precisamos repensar as escolas como espaço de emancipação do homem e não de reprodução e dominação. Um espaço dialético onde as trocas fomentem as discussões e humanização dos seres que por ela transitam. A escola precisa de pessoas que desejem formar indivíduos em prol de ações democráticas e multiplicadores da coletividade e não do individualismo, num embate ferrenho contra a alienação humana.

### 6.3 A CULTURA CORPORAL NA IRMANDADE DA BOA MORTE

Muitas abordagens realizadas acerca do corpo, ao longo da história, consistiam em negligenciar a complexidade de significações por ele compreendido, como afirmam estudiosos, essa hierarquia insistia em não problematizar questões que entornam e dialogam com o corpo, como a construção simbólica, as relações de poder bem como a representação cultural. As concepções giravam em torno da subserviência de um corpo que era apenas de “carne e osso” sem expressão própria a ser manipulado em benefício de um discurso dominante, sem história e sem significado em si. Estudar um corpo (cultural) específico (as mulheres negras da Irmandade da Boa Morte), de um lugar específico (a cidade de Cachoeira) necessita de uma reflexão que agregue outros elementos.

As integrantes da Irmandade da Boa Morte têm consciência de si, da história que carregam consigo, do sincretismo religioso e da fé que envolve a Irmandade, suas integrantes e sua hierarquia social. Bem como a relevância que possui para a cidade de Cachoeira e o referencial identitário que construíram na cidade ao longo de tantas gerações.

Através do corpo e de como ele conduz e é conduzido nessa manifestação, é possível perceber como se desenvolvem os processos pelos quais a cultura corporal é evidenciada na Irmandade. Todos os momentos da festividade passam pela relação com o corpo, seja com a história das próprias irmãs, dos observadores ou do ritual que compõe a confraria. Os movimentos dos corpos contam uma história, a

partir deles mesmos, das marcas tatuadas nos corpos passados e que permanecem nos rituais presentes.

O papel fundante do corpo nesse processo é conclusivo para afirmação da cultura de herança afro-brasileira, ressignificada e repatriada pelas irmãs de corpo e de fé integrantes da Irmandade. Através do corpo, a manifestação cultural se configura materialmente, seja pelo samba de roda, pela valsa, pelas procissões, pelos gestos, pelas vestimentas e estes, constituem elementos passíveis de interpretação na cultura corporal.

Quando se fala em Cultura Corporal nesse estudo, se fala na trama de práticas corporais que fazem com que um corpo integre e se identifique com uma determinada cultura ou manifestação cultural e a represente. Segundo Maria Cecília (2003) “vivemos socialmente pelo corpo e é através dele que nos relacionamos, aprendemos, descobrimos e marcamos nossa presença no mundo, pois esta é corporal”, ou seja, nossa existência enquanto materialidade e na relação espaço-tempo histórico se dá pelo uso e experiências realizadas através do corpo.

Por meio do corpo a humanidade se constitui como estrutura complexa que se torna possível de interpretação com o auxílio das interfaces geradas entre áreas do conhecimento como a antropologia, sociologia e história. A partir desta compreensão, tem-se pensado uma nova lógica de existência do corpo. E essa existência humana e, portanto, corpórea, além de ser histórica, também é cultural.

É necessário compreender ainda que, um corpo é constituído de vários outros “corpos” que interagem com a cultura que o circunda. Falamos do gestual, de vestuário, expressão facial, do caráter processional, da oralidade, de memória e do corpo em si que reúne esse e demais elementos “inlistáveis”, porém inteligíveis a percepção humana como a realidade social que o envolve, o sentimento e consciência de si, por exemplo. Dessa maneira, entender uma manifestação cultural pela perspectiva corporal proporciona o entendimento da manutenção dessa forma de expressão, sua dinâmica e valores que vazem com que cada cultura se manifeste do jeito que lhe é característico.

Os estudos mais atuais buscam uma concepção do corpo priorizando as relações com o tempo histórico e o lugar onde se encontram, ou seja, o homem não é um fator isolado no mundo e considerá-lo dessa forma é desprivilegiar as interações do mesmo com o outro, consigo e com o território que ele ocupa.

Há de se perceber o entendimento de corpo numa perspectiva de totalidade, uma vez que memória é corpo; oralidade é corpo; gestualidade é corpo; história é corpo; identidade é corpo; educação é corpo; expressão do sentir também é corpo; produção subjetiva e imaterial é corpo e dentre as múltiplas relações passíveis de serem tecidas com o corpo, compreende-se que o corpo é a materialização do processo histórico-cultural ao qual pertencem os indivíduos.

Na Irmandade da Boa Morte, o estudo do corpo, passa pela história e pela identidade cultural que as integrantes representam e buscam preservar. Corpos que trazem consigo um legado de gerações que as orgulha em manter e disseminar entre as suas. Corpos que cultuam, que cantam, agradecem e referenciam seus antepassados e que trazem em si a história e a identidade de um povo de herança negra, africana, feminina e religiosa que resistiu aos embates históricos desde o período colonial escravista e persiste na luta até os dias atuais.

Foi possível perceber, através dessas respostas, que a formação a respeito da lei 10.639/03 bem como cursos de pós-graduação foram os fatores que fizeram a diferença nas respostas dos profissionais no sentido de ampliar o olhar sobre assuntos aparentemente distantes da realidade da escola. O conhecimento adquirido através dos cursos e da articulação com grupos e Organizações não-governamentais locais se mostra oportuno ao estimular formas outras de transmissão do conhecimento a cerca da cultura, dentro das escolas.

Pensando ainda na Cultura corporal e a relação com a irmandade da Boa Morte, destacamos um trecho do depoimento de Luiz Cláudio Dias do Nascimento (1999) onde ele reflete sobre essa questão:

Eu ficava na Irmandade da Boa Morte, na festa, observando o gestual delas, o que q elas faziam, por exemplo, tinha um determinado momento da missa, em que as pessoas se confraternizam, eles vão e se abraçam e eu percebi que uma irmã na hora que foi abraçar a outra ela falou “paz e Boa Morte” pra outra, eu fiquei pensando se aquilo era uma situação singular, aconteceu aquele dia, e eu tive que esperar o outro ano pra poder observar, e aquilo foi angustiante. Eu tive que vê o outro ano pra observar também que elas falavam “paz e Boa Morte” uma pra outra na hora da missa, Paz e Boa Morte é uma palavra extremamente forte. É, também tem uma determinada situação que depois eu vim constatar que era uma situação sempre presente, que quando termina a missa de corpo presente da Irmandade elas colocam um lenço, uma toalha de tuli sobre a imagem de Nossa Senhora Morta e ai nesse momento elas tem que carregar a imagem pra transportar aquela coisa toda,

como tem muita gente observando, vendo o que tá acontecendo, então elas ficam fazendo gestos, ai tinha uma senhora chamada Dona MÔ e eu ficava observando Dona MÔ, porque eu queria ficar observando quais os gestos que elas faziam, ai ela olhou pra outra, uma olhou pra uma, uma olhou pra outra, elas se entreolharam e ai Dona MÔ fez assim, ai eu chega me arrepio com esse negócio porque é uma situação meio complicada, ela fez esse gesto como quem diz assim “tá entregue”, aí elas se olham naquela coisa de quem vai primeiro? Quem toma a iniciativa e a outra vai e toma a iniciativa. Aquela coisa também de aspergir a água benta sobre nossa senhora que elas se olham pra ver assim, digamos primeiro é ela, é ela que vai, que é aquela hierarquização porque a senhoridade do candomblé também é prescrito, também é observado dentro da Irmandade da Boa Morte, você não pode passar na frente da irmã que é mais velha que você, e as coisas são cíclicas, pra que a continuidade não seja desfeita. (Luiz Cláudio Diaz do Nascimento, entrevista concedida em 17/Nov/2009)

A observação que destaca o depoimento, primeiro de um observador da festa, depois de um historiador da Boa Morte, evidencia poder da palavra proferida e, antes disso, o gesto que gera uma forma de comunicação dentro da sequência na ritualidade da festa. A comunicação, aqui, é expressa pelo sentir onde cada irmã, em reverência a sua hierarquia, pode ir; o quando as coisas acontecem. E o objetivo final é que continuem a acontecer; que perpassem o passar do tempo histórico.

A Cultura é uma engrenagem pulsante e dinâmica e a Cultura Corporal percebida na Irmandade da Boa Morte em Cachoeira está além da gestualidade, com características definidas em cada dia do ritual, do caráter processional, do preparo e distribuição das ceias, está antes de tudo no corpo de cada integrante bem como na simbologia e na imaterialidade cultural que cada irmã abarca em si. Está na fé ancestral evidenciada pelo corpo que é único, mas ao mesmo tempo é coletivo, por trazer consigo a herança ancestral perpassada pela oralidade e pela memória viva dessas mulheres.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar como a cultura corporal de uma manifestação cultural de matrizes afro-brasileira específica, a Irmandade da Boa Morte em Cachoeira na Bahia, tem sido percebida pelos estudantes da comunidade local, bem como quais os fatores que influenciam nessa apreensão e como a cultura afro-brasileira tem sido abordada dentro das escolas da Cachoeira.

Com a Instituição da Lei 10.639/2003, observou-se que a educação no Brasil teve um ganho no sentido de oportunizar a formação dos professores, acerca desses “novos” conteúdos, possibilitando assim que o tema chegue ao conhecimento dos alunos. No entanto, esse espaço formativo como afirmaram a maioria dos professores entrevistados, ainda é pequeno frente à necessidade de apreensão desse conhecimento. Os cursos ocorrem em módulos e com um intervalo de tempo considerável entre a realização destes. Mais ainda assim, professores de várias áreas do conhecimento, e não somente os que estão enfatizadas na Lei, como a Educação Artística, Literatura e História, demonstram o interesse em expor os conteúdos ligados à cultura afro-brasileira, como os de Língua Portuguesa e Sociologia, por exemplo.

Buscamos estudar a cultura em múltiplos aspectos bem como indicar as possibilidades de aproximar o entendimento da produção humana – cultura – aos conteúdos transmitidos em sala de aula, destacando as manifestações culturais locais como elementos necessários ao contexto educativo. Visualizamos a diversidade cultural como um grande campo do conhecimento que necessita de atenção dentro da escola, como sinaliza Bhabha (1998):

A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico –, enquanto a diferença cultural é o processo da enunciação da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. Se a identidade cultural. Se a diversidade é uma categoria da ética, estética ou etnologia comparativa, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-datados: (BHABHA, 1998, p.63).

Reconhecer as diferenças dentro da escola consiste no primeiro passo para uma educação democrática e emancipatória. Consideramos nessa pesquisa, a escola como meio de promover a cultura, meio pelo qual construímos nossa personalidade cultural. Precisamos repensar as práticas pedagógicas e nesse sentido o entendimento a cerca da cultura corporal tem servido de fomento para manutenção da cultura afro-brasileira e pode ainda potencializar essa apreensão dentro das escolas. Percebemos ainda, como ponto positivo, a articulação de associações particulares (ONGs), a escola como forma de interação comunidade - lugar. As organizações que se apresentaram na pesquisa foram o movimento Ação Griô, Grupo de capoeira e samba de roda Filhos do Caquende, as Filarmônicas Minerva Cachoeirana e Lira Ceciliana, fundadas em 1878 e 1870 respectivamente, segundo Jadson Santos (2001).

A importância da oralidade para composição dos registros históricos da cidade é notável. Devido às cheias frequentes do Paraguaçu, que acabaram por minorar as fontes escritas e documentais à cerca da história de Cachoeira, hoje, as informações sobre a preservação daquele patrimônio estão armazenadas nas mentes do seu povo, que, através da fala, repassam àqueles que desconhecem o seu passado.

Constatamos ainda, que cada vez é crescente a procura por informações sobre a irmandade da Boa Morte, inclusive de escolas particulares de Salvador, independente das religiões de formação, como o Colégio Salesiano, o Colégio Sacramentinas (colégio de Freiras e de religião católica) o que destaca o papel pedagógico da Boa Morte, além de a Irmandade possuir representantes dentro do projeto dos griôs, o que fortalece a importância da oralidade dentro da cultura negra. No entanto, a Irmandade ainda é vista como manifestação exótica, e não como parte integrante da cultura afro-brasileira. Necessitamos incrementar a sensação de pertença a qual nos faz refletir Hall (2008), e entender a Irmandade no contexto mais latente da Lei 10.639/03 que é o da importância de estudar a História e a Cultura Afro-brasileira, dentro da sala de aula.

Destacamos ainda que a representação da Irmandade marca um importante aspecto da mulher negra no cenário baiano. A influência e a organização fomentada pelas mulheres negras que angariou adeptos ao processo abolicionista, o poder político da mulher no século XIX, o exercício de libertação através da condução de

escravos fugidos aos quilombos, escondendo escravos fugidos, mas antes de tudo exercendo seu poder de atuação numa sociedade que teimava em escondê-las e subjugar-las.

É importante ressaltar a necessidade de compreender como os estudantes cachoeiranos, dentro de tantas maneiras de obtenção de informação que a cidade oferece, constroem suas concepções, de cultura e identidade de se sentir ou não afro-brasileiro. Nesse sentido, apontamos a necessidade de aprofundar esse estudo a fim de mapear a construção e o envolvimento do povo com a cultura na qual se encontram envoltos, sem distanciar de sua própria realidade evitando distorções e alienações a cerca do que é cultura, pois como afirma Bhabha (1998, p. 63): “a cultura só emerge como um problema, ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes, gêneros, raças e nações”. Fora esse aspecto, a cultura somente pode significar soluções.

Outro ponto relevante a destacar tange as práticas pedagógicas dos professores cachoeiranos. O comprometimento da ação docente com uma educação emancipatória é necessário e tem feito a diferença na educação local. Os professores que possuíam conhecimento a respeito da Lei 10.639/03 demonstravam mais motivação para trabalhar com conteúdos pertinentes a cultura afro-brasileira e, conseqüentemente, a cultura local.

Detectamos também a necessidade de elaborar mais estudos sistematizados na cidade da Cachoeira, sobretudo no campo da educação e da cultura, a fim de dar maior visibilidade a rica cultura local, de oportunizar a socialização e discussão dos conhecimentos apreendidos através da cidade.

Apontamos ainda necessidade de um aprofundamento deste estudo a partir dos conhecimentos tratados na escola, de forma a ampliarmos as possibilidades de consideração da expressão cultural no universo escolar, que ainda se mostra de maneira incipiente. Ao desenhar e destacar elementos paradigmáticos dessa cultura que permanece, pretende-se contribuir em sua re-escrita, indicando a escola como um dos principais elementos para essa compreensão identitária do povo brasileiro, sua história e cultura. Entendemos as atividades corpóreas que permeiam as manifestações culturais, como possibilidade concreta de aprendizado dentro e fora do espaço escolar, no entanto percebemos que essa visibilidade alcança maior notoriedade em espaços fora das salas de aula, mas que, em Cachoeira buscam

manter diálogos o que demonstra o potencial de uma atividade profícua para todos os que dela participem.

Compreender o corpo como a possibilidade de existência e expressão de uma cultura situada, a cultura corporal, possibilita interpretá-lo como elemento de afirmação da cultura afro-brasileira. Seus estudos contribuem para o entendimento das diferentes culturas e elementos identitários que se destacam em cada uma delas. Concordamos com Karl Marx quando o pensador afirma que o ser humano caracteriza-se pelo princípio do movimento. No entanto, conforme defendia o autor, este movimento não pode ser interpretado mecanicamente, mas como impulso, vitalidade criadora, energia. Por seu lado, a paixão humana é a faculdade essencial do homem esforçando-se energicamente por alcançar seu objeto.

Pensar a cultura corporal em uma perspectiva histórico-cultural é pensar que a memória, é corpo, oralidade é corpo e é um campo que necessita ainda de muito estudos e elaboração de concepções pois durante muito tempo o corpo foi subjugado, o corpo foi escravizado, chicoteado, submisso, o corpo a serviço do transporte de pesos, ou ainda o corpo dentro da educação física o corpo que tem uma atividade pra cumprir e deixou-se de pensar no corpo que pensa, que sente, que conduz a cultura dos povos através das gerações, ou seja o corpo enquanto produtor de toda lógica cultural a qual pertencemos, seja na sociedade, na Academia, na sala de aula, na Irmandade da Boa Morte.

A Irmandade da Boa Morte é um exemplo, dentre tantas manifestações artísticas e culturais, que tem resistido se re-significando e se propagando por meio do corpo. Entendemos o homem como um ser eminentemente cultural e construído historicamente dentro de uma determinada sociedade. Neste sentido, revelar algumas das diversas relações entre as manifestações culturais presentes na sociedade baiana, no que se refere à cultura afro-brasileira, sob a ótica da cultura corporal, oportuniza aprofundar a investigação do corpo e da cultura a partir de novos recortes nesta temática relevante e ainda pouco explorada no universo acadêmico; menos ainda, no contexto educacional brasileiro.

Conforme observado na Festa da Boa Morte, constatamos as ações corporais, contidas nos ritos e ambientes apresentados, bem como nas falas analisadas, a presença e penetração dos costumes europeus ocidentais, todo o tempo. Em contrapartida, ficou nítida a marca da identidade africana em toda a festa, nos mínimos detalhes, como por exemplo: na cor da pele; nos trejeitos do

corpo da maioria das mulheres da confraria; na gestualidade, em todos os momentos do ritual; nos temperos e comidas preparadas e oferecidas; nas cores das vestimentas; nas demais indumentárias utilizadas durante a Festa e, principalmente, na expressão do corpo negro e da cultura popular brasileira que reagiu e continua reagindo em Cachoeira, ecoando em todo território nacional e internacional.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola:** Cultura e o jogo dos saberes na roda. São Paulo: UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: **Tradição Contradição.** Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória;** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura.** São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade.** A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASSARO, Fernando. Pensadores olhares sobre o ensino. **Revista Nova Escola.** Rio de Janeiro: Editora Abril, ano XXIV, nº 227, Nov. 2009.

CASTRO, Armando Alexandre Costa de. **Irmãos de fé:** Tradição e turismo no Recôncavo Baiano. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural.** São Paulo: Papyrus, 1995.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do Corpo.** Col. Corpo e motricidade. São Paulo: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física. **Revista Movimento** (ESEF/UFRGS) ISSN impresso: 0104-754X ISSN online: 1982-8918, Ano Dois, nº2, 1995.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DESLANDES, Suely Ferreira (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org). RJ: Vozes, 1994.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS para a Educação das Relações Étno-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília,

Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de promoção da igualdade racial, DF: 2004.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças. Educação e Diversidade Étnico-Cultural: concepções elaboradas por estudantes no âmbito da Escola Municipal Helena Magalhães. 210f. il. 2008. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2002

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 3ª Ed., São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDMAM, Lucien. **Dialética e Cultura**. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar e Agir**: Corporeidade e Educação. 2ª Ed., Coleção corpo e motricidade. São Paulo: Papyrus, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1982.

GREINER, Cristiane. **O Corpo**: pistas sobre estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1996.

IANNI, Otávio. **Raças e Classes Sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

IPHAN. **Rotas de Alforria**: Trajetórias da população afrodescendente na região de Cachoeira/Ba. Relatório Conclusivo da primeira etapa. Rio de Janeiro: IPHAN, 2005.

KOFES, S. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, Heloisa T. (org). **Conversando sobre o corpo**. São Paulo: Papyrus, 1994.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6ª Ed. – São Paulo: Atlas 2005.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LODY, Raul. **Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte**; pesquisa sócio-religiosa. Rio de Janeiro: Altiiva Gráfica e Editora, 1981.

LOPES, Antônio Herculano; CALABRE Lia (org). **Diversidade Cultural Brasileira**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005.

MARCEL, Mauss. **Sociologia e Antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MARTINS, Suzana Maria Coelho. **A dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva estética do corpo**. Salvador: EGBA, 2008.

MELLO, Francisco José de. **História da Cidade da Cachoeira**. Bahia, 2001.

MELLO, Mário Vieira de. **O conceito de uma educação da cultura: com referência ao estético e à criação de um espírito ético no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MÉSZAROS, Isteván. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editora, 2005.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: Derek Gregory, Ron Martin, Graham Smith (orgs.). **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e ciência**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1996.

MILTON, Aristides A. **Ephemerides Cachoeiranas**. Coleção Cachoeira, Volume I. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 1979.

MOREIRA, Anália de Jesus. **A cultura corporal e a lei nº 10.639/03: um estudo sobre os impactos da lei no ensino da educação física em Salvador**. 2008. 100f Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

MOURA, Milton. Identidades: Construção de identidades, identidade local, regional, nacional, baianidade, brasilidade, identidade e militância. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org.). **Cultura e Atualidade**. Bahia: Eufba, 2005.

MUNANGA, Kabenguele (org). **História do Negro no Brasil**. O negro na sociedade Brasileira: Resistência, participação e contribuição. Vol 1. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. 2004

\_\_\_\_\_. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania**. Ação Educativa Dez Anos. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica-SP, São Paulo, 1999.

NETO, Josias Pires. **Bahia Singular e Plural: Registro Audiovisual de Folgedos, Festas e Rituais Populares**. Salvador: Secretaria de Cultura e turismo, Fundação Cultural, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil**, Elementos para uma filosofia Afrodescendente. Curitiba: Editora gráfica Popular, 2006.

PORTER, Roy. História do Corpo. BURKE, Peter (org) In: **A Escrita da História: Novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.



REIS, João José. As Irmandades. In: **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Neidson. **Elogio à Educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SALES, Augusto dos Santos (org). Ação Afirmativa no Brasil: Um debate em curso. In: **Coleção Educação para todos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfa. p. 121-164, Brasília: 2004.

SANTOS, Jadson Luiz dos. **Cachoeira III Séculos de História e Tradição**. Bahia: Contraste Editora Gráfica, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ªEd. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 19ª Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **Da educação física, moral e intelectual a um corpo idealizado: desvelando o discurso médico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro**. 2003 Tese. (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. 156 f

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade; uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte; Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_ (org). **Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais**. 8ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SILVEIRA, Renato da. **O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de Keto**. Bahia: Edições Maianga, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Documentário:

**EU vi Boa Morte Sorri, TVE Bahia** – Direção Simone Castro. Produção do Instituto de Radiodifusão da Bahia – IRDEB. Salvador: IRDEB, 2005. (29´47), DVD, color.

**ANEXO A – Termo de consentimento a participação na pesquisa**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**TERMO DE CESSÃO**

Informações para Indivíduos que estão sendo solicitados a participar de uma Pesquisa de Mestrado em Educação, realizado pela Mestranda Lilian Quelle Santos de Queiroz, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cecília de Paula Silva (Prof.<sup>a</sup> Adjunto do Departamento III da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia), Autorizando a utilização da fala para uso exclusivo na pesquisa e demais fins acadêmicos.

**PÚBLICO ALVO DA PESQUISA: MEMBROS DA REDE ESCOLAR ESTADUAL E MUNICIPAL DE CACHOEIRA (BA)**

**TEMA DO ESTUDO: CORPO LUGAR DA MEMÓRIA: IDENTIDADE E CULTURA CORPORAL NA IRMANDADE DEA BOA MORTE EM CACHOEIRA BAHIA**

**Assentimento a Participar**

Compreendo o que estou sendo proposto a fazer pela pessoa que está realizando esta pesquisa. Refleti sobre o assunto e aceito participar nesta pesquisa.

---

Nome da pessoa participante desta pesquisa

---

Data

---

Assinatura da Pesquisadora

---

Assinatura da Orientadora da pesquisa

**ANEXO B – Roteiro de Entrevista realizada com os estudantes cachoeiranos**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO PARA QUESTIONARIO APRESENTADO AOS ESTUDANTES CACHOEIRANOS

Informações para Indivíduos que estão sendo solicitados a participar de uma Pesquisa de Mestrado em Educação, realizado pela Mestranda Lilian Quelle Santos de Queiroz, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cecília de Paula Silva (Prof.<sup>a</sup> Adjunto do Departamento III da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia), Autorizando a utilização da fala para uso exclusivo na pesquisa e demais fins acadêmicos.

Agradeço desde já pela sua colaboração e atenção em responder as questões propostas.

Lilian Queiroz

Mestranda em Educação

Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

**1. IDENTIFICAÇÃO – DADOS PESSOAIS**

A. Nome: \_\_\_\_\_

B. Escola onde Estuda \_\_\_\_\_

C. Série que está cursando e idade \_\_\_\_\_

D. Cidade onde mora \_\_\_\_\_

E. Cor/Raça (Classificação segundo o IBGE- Instituto brasileiro de Geografia e Estatística)

( ) Preta ( ) Parda ( ) Branca ( ) Amarela ( ) Indígena ( ) Outra. O Quê? \_\_\_\_\_

F. Religião \_\_\_\_\_

## 2. EDUCAÇÃO E CULTURA LOCAL

A. Na escola que você estuda tem alguma disciplina que fala sobre a cultura afrobrasileira? Qual?

\_\_\_\_\_

B. Caso a resposta seja acima seja sim, em que momento do ano letivo é feita essa abordagem?

( ) O ano todo ( ) Em maio - abolição da escravatura ( ) Novembro – Consciência negra

( ) Outros. Quais outros momentos do ano? \_\_\_\_\_

C. Com suas palavras escreva o que você entende por cultura?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

D. Você já ouviu falar da lei 10.639? Caso sim, o que ela trata?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

F. O que você entende pelo termo “afrobrasileiro”? Você se sente como um(a) afrobrasileiro(a)? Por que?

---

---

---

G. O que você acha dos professores falarem nas aulas sobre as manifestações culturais próprias da região, como a Festa da Irmandade da Boa Morte, a Festa da D´ajuda e a festa da Independência da cidade em 25 de junho? Por quê?

---

---

---

---

H. Você conhece algo sobre a Irmandade da Boa Morte? Já participou da festa ou da procissão? Os professores já falaram na sala? Em que disciplina?

---

---

---

---

I. Deixe seus comentários ou questionamentos, sobre a escola, as aulas, sobre as perguntas desse questionário ou sobre o tema que achar necessário.

---

---

---

---